

# Stadium

**SPORTING-ESTORIL**  
A defesa do Estoril luta heroicamente. No cacho de jogadores destaca-se Alberto!

**ATLÉTICO-ELVAS**  
Rebello, no estilo dos jogadores de classe, faz um passe largo!



N.º 262

10 DE DEZEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

# Três «leaders» famosos

... Seguindo a trajectória traçada pelos concorrentes!

Crónica de TAVARES DA SILVA

**A** grande competição anima-se! A 3.ª jornada prova abertamente que todos se entregam à luta com o melhor ânimo, proferindo a frase: — *Cá estamos...*

Eis os sete resultados que só por si indicam alguma coisa:

Resultados apurados:

Sporting ...	3	—	Estoril ...	1
Atlético ...	5	—	Elvas ...	2
Académica ...	0	—	Belenenses ...	4
Porto ...	7	—	Olhanense ...	3
Vitória G. ...	2	—	Benfica ...	2
Vitória S. ...	1	—	Sport. Braga 1	
Lusitano ...	2	—	Boavista ...	0

A percentagem dos chamados *jogos difíceis* é bem maior que a espécie dos encontros fáceis. Quere isto dizer que estamos em presença de uma competição tão dura e difícil — que os trabalhos se erguem debaixo dos pés, regularmente, domingo-a-domingo. Se, porventura, há uma folga ela paga-se caro na semana seguinte!

Certamente — quatro clubes partiram como favoritos: o Benfica deixou-se atrazar um pouco, mas os outros veem confirmando as previsões. Mas todos os concorrentes poderão exercer influência decisiva na prova. Lembremo-nos que os pontos conquistados fora de casa são belos triunfos, mas que só dificilmente o visitante se deixa bater...

Características da 3.ª jornada: — A linha avançada do Sporting a funcionar magnificamente;

- Confirmação da subida do Belenenses;
- Boa forma do Porto;
- Afirmção de capacidade por parte de Guimarães;
- Abaixamento do Benfica que se deve, principalmente, ao fraco poder de remate dos dianteiros;
- Conjunto regular do Spor-

ting de Braga, capaz de dar réplica aos adversários;

— Inconstância de forma do Boavista;

— Lusitano mostra-se uma equipa difícil de bater na sua casa;

— Abaixamento do Vitória de Setúbal.

— Aperfeiçoamento do Atlético;

— Necessidade de jogar, apurando o conjunto, do Elvas e da Académica.

— Um Olhanense que retrocede, desequilibrado nos seus sectores.

A 3.ª jornada demonstrou ainda que os árbitros influem, por vezes, nos resultados, e que as respectivas nomeações não se fazem com o devido cuidado.

Os números de Tabela devem ser cuidadosamente observados. Tenha-se, por exemplo, em conta que a posição do Vitória de Guimarães não exprime a sua medida. O *team* já demonstrou de forma inequívoca — que todos teem de contar com ele. Guimarães fará vítimas. Ha outros que, colocados no meio da Tabela, dificilmente ali se manterão.

Porto, Belenenses e Sporting continuam à cabeça, e invencíveis. Qualquer deles está no caminho do *titulo*. Mas a competição dará ainda muitas voltas. Veja-se atentamente a Tabela de Pontos que publicamos nesta página.

No domingo disputam-se os seguintes desafios: Estoril-Guimarães, Elvas-Sporting, Boavista-Atlético, Olhanense-Lusitano, S. Braga-Porto e Benfica-Académica.

O Belenenses-Vitória de Setúbal foi adiado, recebendo os setubalenses três contos e tendo exigido doze, em virtude do clube lisboeta se apresentar em Madrid na inauguração do novo Estádio de Chamartin.

Os Belenenses-Vitória de Setúbal foi adiado, recebendo os setubalenses três contos e tendo exigido doze, em virtude do clube lisboeta se apresentar em Madrid na inauguração do novo Estádio de Chamartin.

**S**porting quebrou a série dos empates que o prendiam ao Estoril, e desembarçou-se da cadeia com a facilidade das boas equipas. Porque no domingo passado os *leões* mostraram a sua força — fazendo magnífica exhibição.

Quando uma linha dianteira joga em velocidade e de maneira precisa, evitando os obstáculos com prestesa, chega a dar a sensação de estar sósinha em campo. Se essa linha tem atrás de si, pelo menos, médios batalhadores e defesas seguras, a vitória dificilmente poderá escapar-lhe...

Como consequência, o Sporting afirmou maior capacidade e conseguiu dominar. Referimo-nos ao ritmo geral da partida.

O Estoril não baixou de cotação. A sua organização foi regular, e algumas avançadas delineadas com geito e sabedoria. Mas o maior trabalho recaiu na defesa, e esta dificultou ao máximo a vitória do adversário.

*Sporting* — Azevedo; Soeiro, Manuel Marques e Juvenal; Barrosa e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

*Estoril* — Laranjeiro; Pereira, Elói e Alberto; Oliveira e Nunes; Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

*Arbitro* — António Rodrigues Santos (de Lisboa).

*Marcadores* — Do Sporting: Jesus Correia e Sidónio (2). Do Estoril: Alberto. Ao intervalo: 2-1.

**A**s equipas mais experientes e calejadas têm vantagem nesta prova. Ainda por cima, o Elvas mostrou claramente não estar habituado aos campos de relva. Mas não foi só essa causa que provocou a sua derrota.

Sem dúvida, o Atlético mostrou mais capacidade. Isto é, conjunto mais afinado e homogénio, seguro na defesa e passando sem interrupção desta para o ataque.

O Elvas não se entregou e quis fazer *jogo cá jogo lá*, mas à medida que o tempo passava, as suas faculdades diminuíam.

Na 2.ª parte, manifestamente, os elvenses baixaram de tom. E os extremos começaram a jogar menos, e o todo do ataque resentiu-se, visto o centro do terreno estar bem coberto.

O Atlético insistiu, então, nas suas arremetidas organizadas com método, e a defesa do Elvas abriu brechas. Num escasso período, os lisboetas puzeram-se a coberto de

todos os riscos. Os atléticos praticaram jogo ligado, de célula para célula, vencendo a resistência do adversário.

*Atlético* — Ernesto, Armindo, Baptista e Rosário; Pereira e Moais; Martinho, Armando Carneiro, Vital, Simões e Caninhas.

*Elvas* — Semedo; Galinho, Neves e Oliveira; Rebelo e Gomes; Vieira, Massano, Patalino, Augusto e Angelo.

*Arbitro* — Paulo de Oliveira (de Santarém).

*Marcadores* — Do Atlético: Caninhas, Rogério, Martinho, Vital (2). Do Elvas: Angelo e Ernesto.

Ao intervalo — 1 a 1.

**O**s belenenses conseguiram em Coimbra um bom resultado. A equipa dos estudantes não vale muito, mas, em todo o caso, deve entrar-se em linha de conta com o meio-ambiente e o entusiasmo da gente nova que forma o *team*.

Enquanto a Académica teve folego, a partida assumiu aspectos de equilíbrio, o que significa jogo de perguntas e respostas. Foi mesmo o grupo de Coimbra que deu ao desafio grande velocidade, talvez com o objectivo de desorientar o adversário.

Na realidade, a defesa de Belém trabalhou incansavelmente, e, o que é mais, com bastante acerto. Deste modo — os esforços dos estudantes quebraram-se. Um golo seria um estimulante! Mas ele nunca surgiu, e o Belenenses pôde depois — quando a força do adversário minguou — desenvolver com êxito os seus movimentos de ataque e dominar abertamente. Apesar das quatro bolas, várias das deficiências da equipa lisboeta, que, aliás, está a crescer a olhos vistos, vieram ao de cima.

*Académica* — Prates, Aristides, Diogo e Brás; Eduardo Santos e Oscar; Nelo, Azeredo, Ataz, Leite e Bentes.

*Belenenses* — Sério, Vasco, Feliciano e Serafim; Amaro e Figueiredo; Manuel Rocha, Quaresma, Teixeira da Silva, Duarte e Narciso.

*Arbitro* — Lima e Sá (do Porto).

*Marcadores* — Do Belenenses: Teixeira da Silva (2) e Narciso (2). Ao intervalo — 2 a 0.

**A** figura-se-nos, como a toda a gente decerto, que o Porto está decidido a forçar o caminho. O *team* corresponde, agarra nos adversários e transforma-os em vítimas, com relativa facilidade. Pelo menos, até agora.

Os algavios não se puderam apresentar completos de titulares, mas se tal constitue atenuante também se deverá dizer que o grupo parece enfraquecido. Quais as causas? — Julgamos que a dificuldade de substituir alguns elementos que eram a base, e a crise de outros. Diga o que se disser, há coisas que não se escondem.

Os algavios lutaram até ao fim... Conseguindo, mesmo, no segundo tempo, o período de melhor ligação.

O Porto nem sempre esteve brilhante. Todavia, além de funcionar com regularidade teve alguns trechos de futebol de qualidade — passando, com precisão,

## Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL	P.				
	J.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D. B.	V.			E.	D. B.		
F. C. Porto ...	3	2	—	11-3	1	—	3-0	3	—	14-3	6			
Belenenses ...	3	1	—	4-1	2	—	5-0	3	—	9-1	6			
Sporting ...	3	2	—	6-3	1	—	4-1	3	—	10-4	6			
Benfica ...	3	1	—	6-1	—	1	1	3-6	1	1	9-7	3		
Estoril ...	3	1	—	5-4	—	1	1	2-4	1	1	7-8	3		
Olhanense ...	3	1	—	1-0	—	1	1	6-10	1	1	7-10	3		
Braga ...	3	1	—	2-1	—	1	1	2-7	1	1	4-8	3		
Lusitano ...	3	1	1	3-1	—	1	0-7	1	1	1	3-8	3		
Atlético ...	3	1	—	1	6-6	—	1	4-5	1	—	2	10-11	2	
Elvas ...	3	1	—	7-0	—	2	2-9	1	—	2	9-9	2		
Boavista ...	3	—	—	1	0-3	1	—	1	2-2	1	—	2	2-5	2
Vitória (G) ...	3	—	1	1	2-3	—	1	2-3	—	1	2	4-6	1	
Vitória (S) ...	3	—	1	1	1-3	—	1	0-1	—	1	2	1-4	1	
Académica ...	3	—	1	1	3-7	—	1	1-2	—	1	2	4-9	1	

a bola de unidade para unidade e sem entraves.

Tudo lhe correu bem, e a sua vitória nunca esteve em perigo. Empatou e seguiu sempre pela estrada do triunfo.

**Porto** — Barrigana; Alfredo, Guilha e Carvalho; Joaquim e Gastão; Lourenço, Araújo, Correia Dias, Virgílio e Monteiro.

**Olhanense** — Szabo; Ricardo, Alexandre e Acácio; Januário e João dos Santos; Soares, Salvador, Cabrita, Paulo e Palmeiro.

**Árbitro** — Augusto Pacheco (de Aveiro).

**Marcadores** — Do Porto: Araújo (2), Lourenço, Catalino, Correia Dias (2) e Virgílio. Do Olhanense: Joaquim Paulo (2) e Palmeiro.

Ao intervalo: 3 a 1 a favor do Porto.

**A** primeira parte do encontro de Guimarães decorreu com equilíbrio. Isto já significa alguma coisa a favor do Vitória. Ambas as formações de ataque no sector modular estiveram em evidência, e, por outro lado, as linhas avançadas, à base da rapidês, deram trabalho às defesas.

Mas sucedeu o inevitável; e que em geral sucede às equipas que, à custa de sacrifício, tem de suprir a maior capacidade técnica do inimigo. O Vitória de Guimarães, quebrado o folego, começou a disputar a bola com menos fúria, permitindo jogo mais tranquilo da parte do Benfica. Este cresceu, e actuou então em plano de ataque, obrigando o adversário a cuidar muito da sua defesa e a deixar o ataque entregue a si próprio.

Na 2.ª parte, o Benfica não conseguiu o triunfo — por falta de rematadores. Os médios de ataque forçaram a nota, as ofensivas sucediam-se e as oportunidades apareciam... e eram desperdiçadas.

Uma grande penalidade no estilo das compensações, segundo afirmação dos nossos camaradas, pôs o resultado em 2-2. Mas, afora isso, Guimarães revela capacidade.

**Vitória de Guimarães** — Machado; Garcia e Costa; Luciano, Curado e José Maria; Alexandre, Miguel, Brioso, Alcino e Franklin.

**Benfica** — Rogério, Jacinto, Cerqueira e Fernandes; Moreira e Francisco Ferreira; Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Corona e Baptista.

**Árbitro** — Fonseca Gonçalves (do Porto).

**Marcadores** — De Guimarães: Brioso e Alcino. Do Benfica: Espírito Santo e Arsénio.

Ao intervalo — 1 a 0 a favor do Vitória de Guimarães.

**A** descida do Sporting de Braga a Setúbal representou um bom triunfo. O clube não só arrancou um ponto como mostrou ser capaz de suportar um andamento vivo, e mesmo orientar uma partida.

Fazia mau tempo e o terreno estava em más condições. Pois bem! Os jogadores de Braga adaptaram-se à situação, e, pondo de lado as passagens curtas e laterais, acerraram-se das balizas con-

## TAVARES DA SILVA

fará a reportagem dos jogos do Belenenses em Madrid

Da embaixada belenense que segue amanhã no Lusitânia-Expresso para Madrid faz parte o nosso chefe de Redacção, o jornalista Tavares da Silva, que fará uma reportagem completa dos encontros de futebol e basquete que o Clube de Futebol Os Belenenses disputará em Madrid, e ainda da estadia dos representantes do grande clube lisboeta na capital espanhola. Tavares da Silva acompanhará as suas reportagens, decerto com o cunho de originalidade que todos lhe reconhecemos, o que lhe dá um lugar à parte no jornalismo da especialidade, de uma larga documentação fotográfica.

A embaixada é constituída por 17 jogadores de futebol, 10 elementos de basquete, treinador e massagista, e chefiada pelo sr. dr. Octávio de Brito, acompanhado pelos dirigentes do clube sr. Acácio Rosa e Pons Dias.

trárias da melhor forma — por meio de passes compridos e por alto.

Neste processo, é evidente, torna-se indispensável que os avançados suportem o choque, e, seguindo a bola, vigiem o adversário... Ora, os rapazes de Braga nunca desfaleceram, mesmo quando reduzidos a dez unidades.

Os setubalenses jogaram com energia, mas com certa lentidão. Esta provocada, em parte, pelo passe curto em terreno encharcado. Por outro lado, as falhas de ligação entre os dianteiros, e ainda dos médios para os avançados, provocaram futebol confuso e sem eficiência.

**Vitória de Setúbal** — Baptista; Primo e Figueiredo; Pina, Ameixa e Beirão; Campos, Tavares, Armando, Cardoso Pereira e Joaquim.

**Sporting de Braga** — Salvador; Palmeiro e Joaquim; Daniel, Sobral e António Marques; Barros, Eloi, Mário, Diamantino e Frederico.

**Árbitro** — Santos Marques (de Lisboa).

**Marcadores** — Do Vitória: Tavares. Do Sporting: Mário.

Ao intervalo — 1 a 0 a favor de Braga.

**S**em dúvida, o Lusitano deu um grande passo na sua carreira. Semelhantes resultados fazem muito bem às equipas, não as deixando desmoralizar.

A equipa não se limitou a vencer. Foi mais longe. Mostrou que o seu jogo de conjunto (a solidariedade entre os jogadores é evidente) é de boa organização, e que sabe fabricar a teia para enleiar o adversário. Desde o primeiro momento que os algarvios se mos-

## Vila Real, Famalicão e Covilhã

obtiveram vitórias expressivas

Os resultados da última jornada:

Vila Real...	6	—	Vianense...	1
Famalicão...	6	—	Salgueiros...	1
Leixões...	1	—	Académico...	0
Sanjoanense...	3	—	Oliveirense...	2
S. C. Covilhã...	8	—	Ferroviário...	0
Naval...	0	—	L. Santarém...	1
Ginásio Alc...	1	—	U. Coimbra...	0
S. L. C. Branco...	5	—	Lisboa Viseu...	2
Luso Barreiro...	4	—	Operário...	1
Oriental...	2	—	F. Benfica...	0
«Cuf» Barreiro...	0	—	Barreirense...	2
Onze Unidos...	3	—	Casa Pia...	1
Beja...	2	—	Lusi. Evora...	2
Campomaiorense...	4	—	União Matrena...	0
Boa Esperança...	2	—	Portimonense...	3
Moura...	1	—	Portalegrense...	0

Após estes resultados, a classificação ficou assim distribuída:

traram superiores, insistindo nos ataques. O Boavista procurou reagir, mas o adversário caia-lhe em cima com vivo e singular entusiasmo. Como que o abafar. Na segunda parte, os boavistas não tiveram outro remédio do que dar-se a uma tarefa defensiva. Contam-se pelos dedos as suas incursões. Portanto, a equipa algarvia tornou-se senhora da situação — vencendo com absoluto mérito.

**Lusitano** — Isaurindo; Mortá-gua e Caldeira; Camarada, Madeira e Branquinho; Almeida, Vasques, Angelino, Cabrinho e Germano.

**Boavista** — Santiago; Pereira e Raimundo; Garcia, Serafim e Ramos; José Caiado, Vieira, António Caiado, Fernando Caiado e Barros.

**Árbitro** — Aureliano Fernandes (de Setúbal).

**Marcadores** — Do Lusitano: Camarada e Germano.

Ao intervalo — 0 a 0.

### Zona A

J.	P.
S. C. Vila Real	3 6
Famalicão	3 5
Leixões	3 4
Sanjoanense	3 4
Oliveirense	3 2
Vianense	3 2
Salgueiros	3 1
Académico	3 0

### Zona B

J.	P.
S. L. C. Branco	3 5
Ginásio Alcobaça	3 5
Naval	3 3
Ferroviário	3 3
União de Coimbra	3 2
S. C. Covilhã	3 2
«Leões»	3 2
S. L. Viseu	3 0

### Zona C

J.	P.
Oriental	3 5
Barreirense	3 5
Cuf do Barreiro	3 4
Onze Unidos	3 3
Casa Pia	3 2
F. Benfica	3 2
S. L. Viseu	3 2
Operário	3 1

### Zona D

J.	P.
Portimonense	3 6
Portalegrense	3 4
Boa Esperança	3 3
Desportivo de Beja	3 3
Atlético de Moura	3 3
Campo Maior	3 3
União Matrena	3 1
Lusitano (Evora)	3 1

São muito naturais os resultados-surpresa no futebol. E na Segunda Divisão, em média superior, certamente.

Nesta última jornada, a 3.ª, viu-se por exemplo que o Vianense, 8 dias antes empatado com o Famalicão,

(Continua na pág. 8)

## A "graça" da semana



No próximo domingo em Chemartin, durante os cumprimentos: — Trago aqui um «joguinho» na mala que nem queres saber... — diz o visitante belenense.

— Pois sim! Se for preciso, aplicaremos duas «letrinhas» que andamos a soletrar! — responde o madrileno.

# PIMA voltou ao BASQUETEBO



**N**OVOS horizontes estão traçados ao basquetebol português. Devido a uma resolução feliz vai utilizar-se a Nave do palácio de Cristal para ali se efectuarem jogos, num recinto admirável, com piso de madeira e onde poderão estar à vontade milhares de pessoas.

Aproveitando o facto de voltar às competições oficiais do basquetebol esse jogador valoroso que se chama António Nogueira Cardoso (Pima) quizemos ouvir o sobre diversos aspectos da modalidade e de passagem focáramos alguns dos problemas que continuam vivos no basquetebol português, à espera de um esclarecimento capaz.

## Obediência cega

— Terminou realmente a minha suspensão e de mais quatro companheiros, aquela que foi ditada pelos acontecimentos com a selecção do Brasil.

Foi com alegria que vi os nossos *reservistas* manterem, sem beliscadura, o prestígio do clube no campeonato regional e o maior elogio que lhes posso fazer é afirmar que os da primeira categoria não fariam melhor.

Agora entraremos nós e faremos por continuar a obra.

— A equipa para este ano?

— Tudo indica que ficará mais poderosa. O concurso do meu irmão César é precioso, uma vez que a sua «classe» faz dele um dos melhores jogadores portugueses. Não deu ainda a sua colaboração à equipa, Abílio Serafim, aquele rapaz que nos últimos dois anos se mostrou o mais perigoso lançador português. Estou, no entanto, convencido de que fará o campeonato nacional.

Temo ainda, dentro do Vasco da Gama, muitos valores novos, de maneira a afirmarmos uma equipa poderosíssima.

— E quanto aos adversários?

— No Porto parece-me que o F. C. do Porto será ainda o segundo. O Fluvial tem uma equipa habilidosa mas menos experiente. Além disso o nome do F. C. P. faria falta à competição.

Quanto ao nacional, o nosso adversário mais de temer será como sempre o Benfica. O nosso duelo nunca mais termina. Aspiro apenas a que o sorteio permita que os «encarnados» joguem no Porto a segunda volta. É realmente aborrecido perder campeonatos pela influência do «goal-average». Mas além do Benfica, este ano tem que se contar com o Atlético onde a presença do Carlos Fernandes deve ser preciosa e não me esqueço do valor do Belenenses. O grande mal nosso é não termos encontrado em campeonatos passados uma ajuda valiosa no outro companheiro nosso do Porto. Lutamos isolados e assim a tarefa é muito ingrata.

— Que impressão tem do basquetebol espanhol?

— Gostei imensamente do Barcelona, como já havia gostado do Layetano. Dos jogadores que vi actuar Maneja, Ferrando, Kurchasky e Navarrete foram sem dúvida os que mais me impressionaram. Não falo nos franceses que estiveram cá há anos. Nessa altura ainda não sabia apreciar basquetebol. Os espanhóis são de longe superiores aos brasileiros em técnica individual. Em poder de execução há um mundo a separá-los.

— Gostaria de voltar a ser internacional?

— Quem não gosta dessa coisa! Nada de falsas modéstias. A minha estreia internacional não foi muito feliz. Podíamos ter ganho aquele encontro de Madrid. Ainda hoje me convenço que temos equipa para ganhar aos espanhóis. Aguardemos o encontro deste ano.

Teño também um desejo: de defrontar o Barcelona em Espanha mas com uma arbitragem imparcial. Reconheço que é uma grande equipa mas aquele campeonato peninsular ficou-me atravessado na garganta...

— Tinha vontade de ir às Olimpíadas?

— Se fosse rico iria lá, para aprender algo e para ver um espectáculo que ficaria inesquecível. Não acredito que o nosso basquete vá até Londres e, no entanto, irão lá equipas mais fracas.

— Se houvesse um jogo Portugal-Brasil, inter-selecções, quem ganharia?

— Portugal, sem dúvida! Jogamos bastante mais. Relembre-se o que foram os nossos jogos com os brasileiros. Com um defesa mais alto e uma arbitragem criteriosa teríamos ganho o segundo jogo, porque no primeiro fomos nitidamente superiores.

— Tem visto muitos jogadores excepcionais, e quais os que mais o impressionaram?

— Maneja e Ferrando, espanhóis. Em Portugal admiro o Carlo Fernandes, o Homero, Domingues. Mas acredite que não é por amizade que reconheço em Dias Leite e meu irmão César dois dos maiores valores do basquete português.

— Recbeu algumas propostas para mudar de clube?

— Inúmeras, mesmo de alguns clubes lisboenses. Isto há anos porque depois, em face da minha constância; desistiram. Não mudarei de clube. Ali nasci e hei-de morrer para a vida desportiva.

Quizemos articular uma pergunta final: — Quem lhe parece que vencerá o campeonato nacional?

Pima pensou alguns segundos e disse-nos: — O Benfica! Todos os anos digo que é o Varzo e acaba o Benfica. Pode ser que agora aconteça o contrário...

ALVES TEIXEIRA



O famoso ataque dos vascanos, todo composto por jogadores internacionais. Este trio tem sido uma das formações que mais brilhantes exibições tem proporcionado no basquete português!

## TAÇA "TEN. COR. SALVAÇÃO BARRETO"



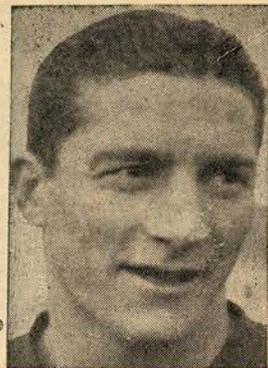
Os teams finalistas do Torneio de Abertura de andebol, Sporting e Oriental que o primeiro ganhou por 3-1



Ao lado — A entrega da Taça do Campeonato de Lisboa, de rugby, ao capitão do grupo do Benfica que venceu a prova do ano passado. Paula Bastos confia a taça recebida de Cayola, presidente da Associação, a Alvaro Curado. Em cima — Uma fase movimentada de rugby entre o Benfica e o Sporting, no encontro que aquele clube venceu

# A tática do W. M.

## O "estilo" dos grandes interiores modernos (2)



Sousa (PINGA)  
Um grande interior  
do passado

PARA além de cada jogo fica para os que se interessam pela técnica, — a lição desse mesmo jogo.

Não há partida que a não forneça e daí a curiosidade com que esses homens as observam, trata-se de que categoria se tratar.

Em cada assistente que se levanta às 8 horas para ver um desfilio modesto, não arderá somente a chama clobista, mas algo também da curiosidade dos técnicos se não quanto propriamente ao jogo, pelo menos em relação a um ou outro jogador. Quantos destes espectadores não têm contribuído para a revelação de muitos «ases...»

Depois do Académico-Salamanca, realizado recentemente em Coimbra, surpreendemo-nos a perguntar a nós mesmo, se cada sistema requere uma execução especial ou haverá uma igual para todos.

A pergunta, melhor, a dúvida, resultará da lição do encontro.

Os espanhóis haviam começado a jogar em W. M. numa rápida assimilação do que duas semanas antes tinham visto fazer na sua terra à equipa colimbrã. Mostravam-se, porém, irresolutos, pouco confiantes, se não timoratos, como a pedirem desculpa ao público e aos jogadores locais: «Nós não temos ainda a necessária experiência...»

E via-se que não a tinham, realmente.

Não era só a incerteza da colocação que os perturbava. Era também, e principalmente, uma execução que não estava de acordo com o sistema.

O passe lateral predominava sobre o oblíquo — a essência do W. M.

Em vés de triângulos pronunciadamente incisivos sobre a baliza contrária, davam-se a desenhar figuras geométricas da mesma família, de base larga e altura diminuta.

A sua tendência para o jogo alto manifestava-se em todos os pormenores. Na paragem da bola no ar; no quase perfeito adormecimento, quando ela vinha do ar; na facilidade de elevação para os golpes de cabeça.

Em contrapartida, a bola no chão era para eles uma evidente dificuldade.

Nestes momentos, os salaman-

tes pareciam ainda menos jogadores, de muito menos classe, hirtos, sem a dactilidade e a destreza que caracteriza os homens habituados a correr com a bola rente ao solo.

O próprio passe, feito nestas condições, seja defeituosíssimo. Mas, gradualmente, insensivelmente, foram abandonando o processo — e regressando ao seu.

Então, o Salamanca transformou-se. A equipa, que de início se aligerava resignada, aceitando sem reagir, o curso dos acontecimentos, surgia, ao encontrar-se, a impor ostensivamente a sua vontade, e, o que foi mais, o seu sistema!

De tal modo as coisas se modificaram, que houve períodos em que o grapo se elevou muito acima da sua real modéstia.

Verdade que isto foi, talvez, possível, por a Académica ter jogado bastante mal...

No entanto, no nosso espírito, a dúvida ficou salientemente esclarecida. Cada processo tem o seu quê de especial, quanto à execução.

\* \* \*

Se o W. M. não é, concepcionalmente, uma teoria arrojada, como o foram depois, muito mais sem dúvida, outras das suas variantes, o caso é que não deixou de ser uma teoria nova que, como todas as teorias novas, trouxe consigo e impôs inovações, modificações, remodelações, que necessariamente haviam de alterar e perturbar a vida calma que o futebol vivia, no momento em que ela apareceu.

O W. M. levou algum tempo a transpor a Mancha. Quando no continente europeu se soube da sua existência, já então os clubes ingleses, rendidos pelo exem-

plo do Arsenal, o adoptavam. Ora um processo, nama equipa de futebol, conjanto, por força, intelectual e psicologicamente heterogeneo, não se põe em prática ou não pode ser completamente bem executado — dá-mo para o outro. Leva o seu tempo — mesmo que a equipa seja formada por grandes jogadores.

Há que ter em conta o «natural esquecimento» do jogador — aspecto que alguns treinadores e o público olvidam frequentemente... Há que considerar, ainda, uma certa resistência por parte do jogador, tanto mais se se tratar de elementos feitos e familiarizados — com determinado processo. (Será ingenuidade ou ignorância sapor que estes pequenos nodos não pesam...)

Está dito e redito que, para a maioria, o W. M. foi um sistema muito mais tático do que técnico, e adulterado, talvez por uma falsa ideia da sua origem (o Arsenal ganhara, imediatamente, ao seu advento, três campeonatos seguidos...) — mas adulterado na sua transplantação.

Ter-se-á pensado que Chapman o concebera também assim, ou fosse como plano estrategicamente tático, mas esqueça-se que o famoso estratega do futebol britânico, antes de mais nada, tratara de adaptar os seus homens ao processo, que requeria, evidentemente, a sua técnica especial, tanto sob o ponto de vista global como individual.

Sobre três homens recaíram então, responsabilidades novas: o médio-centro e os interiores.

Não importam, por agora, as responsabilidades do primeiro, — embora não se deva deixar de as acentuar mais uma vez...

Interessam-nos as que incidem sobre os segundos.



Travassos  
Um grande interior  
do presente

Os interiores do dispositivo clássico — ou do ataque em linha — diferem, medalmente, dos «meias-pontes» do W. M.

E' outra a sua missão, e por isso terá de ser outra a sua capacidade.

O interior moderno não pode ser um jogador modesto, banal ou vulgar, como o foram, de resto, muitos que, apesar de tudo, deixaram nome na sua época.

Terá de possuir, sobretudo — «classe».

O que se entende por «classe»? Uma consciência perfeita do jogo, uma penetração exacta do lugar, um conhecimento total da sua interferência na estratégia — servidos por uma execução portentosa.

Mas «classe» não é isto apenas. E' também o que de individual, único e inconfundível o jogador traz para o futebol.

Se, como dissemos no artigo anterior, qualquer jogador pode servir o W. M., não deixaremos de reconhecer, entretanto, que o sistema é inexorável — em relação a alguns lugares. Não se compadece com medianias. Ele mesmo se encarrega de o demonstrar, quantas vezes de forma pungente, que lhe tem criado muitos detractores, — quando mal servido.

Isto, que alguns julgam factor impeditivo do progresso do jogo, é por nós considerado de maneira oposta.

Não haverá, presentemente, por esse mundo além, um número avultado de bons interiores? Não importa...

Depois, o sistema não é ainda visto por toda a parte com os mesmos olhos. Em países que o utilizam há muito, discute-se, por exemplo, se o médio-centro deve ser um médio, ou um autêntico defensor. O certo é que as suas equipas continuam a jogar sem médio-centro — e com três «backs»...

Não será de extranhar, por consequência, que não haja também muitos interiores ideais do W. M.

Logo que se não queira, ou insista, em que sejam uma reminiscência do velho tipo — eles aparecerão! Não se lancem para cima do sistema culpas que não lhe cabem...

Adriano Peixoto

## ALBUM DOS JOGADORES

### Nova Separata da «Stadium»

STADIUM, seguindo uma velha tradição e reatando as suas «Separatas» que tão bom acolhimento tiveram sempre por parte dos seus leitores, publicará, a partir do 1.º número de Janeiro do Novo Ano, e em cada número, uma «Separata» com uma esplêndida fotografia em ponto grande de dois jogadores de futebol durante todo o tempo que durar o Campeonato Nacional.

Os adeptos do jogo ficarão, desta maneira, com um album completo dos melhores jogadores portugueses, admirável recordação e evocação. As grandes figuras de todos os clubes concorrentes ao Campeonato farão parte deste sensacional ALBUM DE JOGADORES constituído por belas fotografias.

Os nossos Agentes devem indicar-nos com antecedência o número de exemplares que desejam, a partir da publicação do ALBUM DE JOGADORES, e todos aqueles que queira adquirir a nova «Separata», devem requisitá-la à nossa administração ou ao Agente da sua localidade.

A sede da «Stadium» é na Rua da Rosa, 252-1.º, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

# O futebol português em cheque!

Se já fizemos melhor porque havemos de marchar para trás?

Já lá vai o tempo das vitórias morais — que serviam como prêmio de consolação ao espírito desiludido e resignado dos «internacionais» portugueses, vergados ao peso de cada derrota, que todavia nunca ofuscava o brio e a generosa vontade postas em luta.

Estas eram as melhores armas que os nossos «rapazes» podiam opor às poderosas selecções dos países que se batiam com o nosso no magno campo do Desporto. Bem fracas armas eram, porque todos os grupos que defrontávamos patenteavam toda a gama de recursos técnicos e táticos, e bastas possibilidades de recrutamento de bons elementos para formarem as suas equipas representativas.

Por vezes, aquela extraordinária força de vontade operava prodígios; assistimos assim a surpreendentes e magníficos triunfos do «onze» de Portugal, na inesquecível e fulgurante jornada de Amsterdam, e num ou noutro encontro mais feliz. A França, a Hungria e outras mais potências futebolísticas de bom cartel, baquearam nos nossos modestos retângulos de jogo, perante o entusiasmo delirante dos adeptos.

Havia, talvez, mais idónea noção do pouco que valíamos. Hoje, continuamos a valer pouco, e exige-se muito.

Haverá razão para tal? Sim e não. O público aficionado tem o direito de exigir melhor. O nosso futebol não estagnou, antes progrediu. No aspecto técnico e tático, e nos meios materiais para se propagar e valorizar-se.

Os nossos futebolistas é que não podem oferecer-nos melhor. Carecem de condições para isso. Não, de qualidades natas — mas de possibilidades materiais de desenvolver-las.

Como é possível estabelecer confronto entre os jogadores portugueses e os da Inglaterra, da Argentina e da França?

Que tremendo «handicap» para estes! — homens que fazem do futebol profissão e arte, em contraste com aqueles outros, que, praticando-o não por amorismo puro, mas recebendo remuneração por isso, não podem adotar os mesmos métodos de treino intenso, porque tal não lhes permite a ocupação principal — a repartição ou a oficina, aonde auferem afinal o verdadeiro ganha-pão de cada dia.

\* \* \*

É' peca nacional o exagero — tanto do bem como do mal.

Os progressos do futebol português não são um mito. Em tática, principalmente, demos um grande passo em frente.

Foi graças a ela que batemos estrondosamente a Espanha orgulhosa, que durante um quarto de século desdenhou, altaneira, da nossa força futebolística.

Embandeiramos em arco, gritámos aos quatro ventos a glória dum triunfo, que arrancou lágrimas de emoção aos velhos aficionados e se fez sentir no coração de todos os portugueses como um bálsamo consolador.

Quanta tinta se não gastou para pintar nos mais variados tons, a grande vitória, os quês e porquês do triunfo!

A visita da equipa do San Lourenço de Almagro foi um aviso para que os nossos olhos não cegassem com tanta luz!...

E ficámos espantados e lamurientos, não sabendo em que mais pensar: se na classe dos jogadores sul-americanos, se na inferioridade patenteada pelos nossos. Decepcionados, vimos então melhor, com mais noção das realidades.

Mas foi Sol de pouco dura.

O «onze» lusitano voou até Dublin, e ali mesmo, deante dos narizes dos irlandeses quase iguais aos ingleses derrotou pela segunda vez a selecção da Irlanda.

Novamente, fomos «os melhores do mundo!»...

Rigorosamente foi uma vitória de capital importância — a primeira que obtivemos no campo adversário. Revelou uma força consciente e organizada, mas não ainda classe.

A classe não transparece num simples resultado, mesmo quando obtido contra um grupo de excelsa categoria, mas sim na regularidade daqueles — e no conjunto dos requisitos de perfeição técnico-táticos, através dos mesmos.

Vencemos com a mesma arma de sempre. Energia e velocidade — aliada a um alto espírito de equipa, factor de solidariedade e ligar todas as «peças» para que a «máquina» carburasse sem atritos. E essa arma falhou, pouco tempo depois, em Lisboa, no Portugal-Inglaterra.

Aquela força moral que em Dublin deu fogo ao ataque e granito à defesa, sossobrou contra os britânicos, sabe Deus porque motivos!

E o pouco que valemos pareceu muito infimo, perante a soberba classe dos mestres ingleses, numa tarde em que tudo correu mal aos nossos desde o principio ao fim, como numa vertigem infernal, que não podemos suspender.

De novo se bateu a mesma tecla: a inferioridade do nosso futebol, como consequência lógica do regime obscuro de treino e preparação em que trabalham os jogadores portugueses.

Ao fim e ao cabo, a verdade nua e crua da inconstância da Selecção Nacional.

\* \* \*

Se o resultado do Portugal-Inglaterra teve terrível repercussão, pela cruel expressão dos números, o do IX Portugal-França, não é menos alarmante, pelo seu significado. Mais alarmante, certamente, pelo jogo desenvolvido em campo.

Os ingleses eram os mestres, cujo saber e ciência esmagavam os discípulos que os nossos são. Os franceses, aqueles que nós vencemos no ano passado, ali no Estádio do Jamor, e os mesmos que tão difficilmente galgaram a muralha da nossa defesa, pouco tempo depois, em Paris.

Há desgosto sincero e intenso, no entanto, no coração daqueles milha-

res de fiéis adeptos, que não arredaram a pé firme, na tarde tempestuosa do Portugal-Suíça!...

Verdadeiramente, o futebol lusitano está em cheque! Uma derrota mais — e lá se esfuma por completo o fruto de tanto trabalho dispendido para que o «onze» trilhasse o melhor atalho, entre aqueles que circundam a estrada principal — a da especialização do futebolista, como artista de futebol.

Alarmante, dissemos — porque fracassámos em todos os capítulos. Em técnica — como quase sempre; em tática — o que é inadmissível.

O grupo actuou sem sentido de coesão, sem aquela força invistível que coordena todos os esforços daqueles bravos, sempre tão generosos em dispendê-los.

Cometeram-se erros de selecção — a semente que gera a falta de confiança, o cepticismo... E erros psicológicos — um perigo que ameaça o espírito de camaradagem do «onze», a força que devíamos cimentar, porque é a única em que poderemos não recer confronto com as dos «profissionais» estrangeiros.

É' inadmissível o afastamento dum técnico português, que conhece melhor que ninguém os jogadores seus compatriotas, em troca de um estran-

geiro, cuja fama não pode encobrir a folha de serviços prestados à Selecção, como jogador e treinador, por Augusto Silva.

Continuaremos a caminhar neste declive perigoso, em que se pode despenhar o prestígio do «onze» das quinças, e esperança daqueles que confiam ainda nele?!

\* \* \*

Em Março, defrontaremos a selecção de Espanha — sedenta de tirar cruel desforra do revés sofrido no Vale do Jamor.

De cada um milheiro de portugueses, contam-se pelos dedos, talvez, aqueles que guardam a esperança de conseguirmos transpor airosoamente o obstáculo de Chamartin.

Inglaterra tarefa é a de todos que directa ou indirectamente participam nesta jornada!

Impõe-se um árduo trabalho. Escolha criteriosa dos elementos que hão-de representar as cores nacionais, preparação metódica e inteligente, base moral e psicológica, renovação prudente de valores, saber que fazer e ordenar. Há que incutir ânimo no espírito alquebrado dos que foram vencidos — no campo da luta e no campo psíquico, que franqueou a derrocada...

O trunfo em que confiávamos — o factor tático — de pouco vale, se o jogarmos contra os espanhóis como o jogámos contra os franceses — sem coesão e convicção, sem termos mostrado cabalmente que assinalávamos a concepção do esquema de jogo que traçámos em campo...

Se já fizemos melhor, porque havemos de marchar para trás?

Vasco C. Santos

## PATINS INGLESES

os mais populares

### E ACESSÓRIOS

### PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113  
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

# HA QUE JOGAR MUITO PARA VENCER PORTUGAL

## diz QUINCOCES

de Ramon Melcon - Especial para STADIUM



Quincoces na época de jogador do Desportivo Alavés

JACINTO QUINCOCES é uma figura das mais extraordinárias que produziu o futebol espanhol. O seu nome é popular, como o de Zamora e Samitier, não só em Espanha mas no mundo inteiro, e os rapazes que hoje começam a jogar nas ruas e praças, ainda têm o seu nome nos lábios quando querem exprimir a sua admiração por uma bela jogada:

— Soy Quincoces, chico!  
É que o grande defesa internacional que representou 25 vezes o seu país em partidos contra seleções estrangeiras — número apenas igualado por Luis Regueiro e superado por Ricardo Zamora, que tem no seu haver 46 desafios nas balizas da Seleção espanhola! — teve como jogador a virtude de atrair a simpatia e a popularidade.

Quincoces é viscaíno. De Baracaldo, a povoação que deu tantos e tão bons jogadores: Roberto, Prats, Lafuente, Bata... Ali começou a jogar e prontamente se destacou, chamando a atenção do grande técnico e protetor do futebolístico que foi o dr. Amadeo García Salazar, alma do Desportivo Alavés, de Vitória, e grande seleccionador nacional, falecido recentemente.

Amadeo levou Quincoces para o Desportivo Alavés. Antes, o A. de Bilbao tinha submetido a provas o bom defesa; mas os técnicos do clube de San Mamés deram o veredicto inatável:

— Este rapaz não tem classe para jogar no Atlético. É um bom defesa, valente e rápido, mas não tem classe...

No Alavés, Quincoces formou preta de defesa com o que havia de ser o seu grande companheiro em tantos encontros triunfais: — Ciríaco. Juntos combateram a sobressair como uma parilha "bastante boa" e houve quem pensasse que seria possível, num dia futuro, os dois passarem a uma equipa de "certa categoria".

O Alavés, onde havia jogadores de classe excelente, como Lécue, Antero, Fada, Olivares... começou a destacar-se e chegou a disputar os quartos de final da Taça, esse extraordinário num grupo quase desconhecido, que em poucos anos ascendeu à Primeira Divisão.

Por essa altura, o seleccionador nacional, José María Mateos, teve necessidade de um bom defesa esquerdo. E não duvidou em escolher Quincoces para formar na equipa de amadores que, quixotescamente, acudiu à Olimpíada de Amsterdão a contender com as mais potentes seleções mundiais. Quincoces jogou os três desafios em que participou Espanha,

contra o México o primeiro, e os dois restantes contra Itália. Terminado o primeiro destes últimos com um empate, o seguinte foi um descalabro para os modestos futebolistas espanhóis. Quincoces, apesar de ter jogado bem, não adquiriu grande fama por causa da fraca actuação do conjunto espanhol.

Quase um ano depois, Mateos voltou novamente a buscar Quincoces. Era o desafio contra a França em Saragoça, e Quincoces juntamente com o pequeno Quesada, fez um excelente jogo. Com ele formou parilha também em Maio daquele mesmo ano de 1939, no desafio contra a Inglaterra que a Espanha ganhou por 4-3. E Quincoces continuou a alinhar no conjunto nacional com indiscutível até 1936. A guerra civil interrompeu a actuação internacional do nosso país. Terminada, ainda Quincoces jogou várias épocas, mas uma lesão afastou-o definitivamente



Durante o Portugal-Espanha, no Estádio Nacional do Vale do Jamôr, Jacinto, então seleccionador, dá ordens aos seus jogadores

dos campos. Todavia, deslocou-se a Lisboa como suplente da equipa nacional que empatou em 1940 contra Portugal, a dois tentos.

Depois, o ex-jogador seguiu outro rumo. Foi preparador do Saragoça, e, presentemente, é delegado do futebol do Real de Madrid, cargo em que alterna com Albéniz na orientação dos brancos. Antes fora, uma só temporada, seleccionador nacional; mas demittiu-se do cargo por não ter carácter para aguentar as censuras e as desagradáveis características do delicado cargo. Preferiu dedicar-se ao seu clube.

Uma data gloriosa da vida deste grande jogador é a cifra que o Real Madrid pagou pela sua aquisição. Foi na época em que o clube de Chamartín conseguiu também a ficha de Zamora, pela qual deu 150.000 pesetas — quantidade agora cobrada por qualquer jogador médio. Pois bem! Quincoces, Ciríaco, e Olivares, todo um trio de internacionais, custaram ao Real Madrid 100.000 pesetas, nem mais nem menos uma.

O ex-internacional, que mereceu o título de melhor defesa Mundo por virtude da sua extraordinária actuação no campeonato do mundo de 1934, falou connosco do próximo Portugal-

Espanha. E disse-nos, em resposta às nossas interrogações:

— Falta muito tempo para o desafio, e é difícil predir sem grave risco de erro. Mas confio que a Espanha terá a sua equipa bem preparada.

— Confiança, porquê?

— Porque, agora, a Federação Espanhola preocupa-se e como nunca o fez... Há grande interesse em fazer as coisas com cuidado. Organizam-se com tempo, desafios de pre-selecção e de treino. Cuida-se da ficha médica dos jogadores. Impõe-se táticas de jogo que ensaiam todos os seleccionados durante meses...

— Achas que a adopção das chamadas táticas modernas beneficiarão a Seleção?

— Muito. Sou um convencido das táticas, e o Madrid põe-nas em prática, como tu bem sabes. Graças a elas, e a saber adoptar a equipa um sistema bem organizado, podemos vencer o São Lorenzo de Almagro.

— Acreditas que a Seleção se ajustará bem à tática que lhe imponham?

— Não é trabalho para dois dias. Mas Elizaguirre tem tempo para se dedicar à tarefa. Para escolher jogadores, ver desafios, preparar conjuntos, ensaiar táticas. E estou certo, porque o conheço bem e sei o que vale, de que saberá pôr em prática a que mais convenha.

— Há jogadores de classe internacional indiscutível?

— Há bons jogadores; muito bons. O futebol espanhol espanhol está em franca melhoria, e saem novos valores de grande classe.

— Bem! Bem! Mas tu, que selecção farias agora?

— Teria dúvidas em vários postos. Mas em outros, não vacilaria.

— Por exemplo...

— Aparte: Elizaguirre, Clemente, Curta, Aparicio, Gonzalvo III (ainda que seja um homem que não se amolda às táticas e queira fazer tudo por sua conta), Naudó, Epi, Cesar, Igoa e Gainza, são os melhores em minha opinião. Muñoz, o médio-centro do Celta, tem excelentes condições, mas por estar moçoado há muito tempo, não sei o que poderia dar actualmente. Também há outros muito bons, mas não com o selo de internacionais como os que já apontei.



Já nas fileiras do Real Madrid, Quincoces enverga a camisola amarela

— Que me dizes de Silva?  
— Que é um grande jogador. Mas não está feito suficientemente. Talvez consiga chegar a ser uma grande figura, pois o seu estilo é maravilhoso. Desmarca-se com perfeição; mas falta-lhe temperamento. Em troca, julgo que Campos, se jogasse como contra o Real Madrid, seria um interior ideal para a selecção. Também Pachadas, o médio-centro do Valência, apresenta qualidades extraordinárias.

— Tens esperanças de uma vitória espanhola frente a Portugal?

— Há jogadores suficientes, em quantidade e qualidade, para fazer uma grande selecção. Apenas falta que todos correspondam como Elizaguirre. Por ser assim, confio no triunfo. Porque conheço as flutuações do jogo português, pois recebo um jornal desportivo de Lisboa. E parece que, agora, há falhas no conjunto português. Claro está, que essa deficiência pode passar prontamente. E, para mais, os portugueses virão a Madrid decididos a ganhar. E há que jogar muito para impedir-lo. Aguardo confiadamente esse esforço dos homens que envergarem a camisola espanhola. Precisamos de vencer, é tudo!

R. M.



Quincoces com Zamora no antigo terreno de Chamartín

# A prova de juniores

## Os melhores grupos vincam a sua classe

Continuou no passado domingo o Campeonato de Juniores, e desta jornada somente um jogo não se efectuou, e este, por desistência dum concorrente — «Esperança» — facto que temos de lamentar.

Com os jogos efectuados já começam a marcar posição, algumas equipas, mas não queremos ainda profetizar possíveis vencedores das séries, sem que primeiramente obtenhamos conhecimentos seguros sobre o valor de todas.

As melhores vitórias pertencem às equipas do Sporting-A, Benfica-B, Belenenses, Águia Vilafranquense e Alverca.

Creemos que, na presente época, existem, espalhados nas diversas equipas concorrentes, alguns jogadores com bastantes possibilidades de, num futuro próximo,

virem a ser bons jogadores de futebol.

A nossa revista, terá o cuidado de os apresentar aos leitores, na oportunidade julgada conveniente.

Não vamos relatar jogo por jogo, visto que não é essa a nossa missão, mas sim fazer uma apreciação a cada jogo.

Tarujense 0, Estrela Amadora 5; Benfica B 4, F. Benfica 1.

Ambos os vencedores mostram nitida superioridade. A equipa do Tarujense é fraca, principalmente a defesa. Os rapazes da Amadora, mais fortes, impuseram-se de princípio a fim.

A equipa B do Benfica realizou um bom jogo de futebol. Possui alguns jogadores com habilidade que dominaram em absoluto os seus adversários.

O Futebol Benfica, com jogadores muito pequenos, não ofereceu a resistência que se esperava.

Águia Vilafranquense 5, Sacavenense 1; Alverca 5, Alhandra 1. Águia e Alverca triunfaram pelo mesmo resultado. Não houve exagero nos golos marcados, pois que representam na realidade a diferença entre vencedores e vencidos.

Operário 2, C. P 0; Oriental 2, Sporting-A 6.

O Operário tem uma equipa aguerrida, ainda que com pouca técnica, mas capaz de tornar a vida difícil a qualquer concorrente. Venceu com todo o merecimento.

O grupo A do Sporting, foi o grande vencedor da jornada. Alcançou um belo triunfo no campo do adversário, o qual era tido como possível vencedor! O melhor poder físico dos «leões» saiu vitorioso da maior habilidade do Oriental e isto, quanto a nós, com reflexos no péssimo estado do terreno do jogo.

A equipa leonina possui um jogador fogoso e rematador que foi, sem dúvida, o grande artífice da vitória. Esse jogador é Sérgio, avançado-centro da equipa, que à sua parte marcou 4 dos seis golos obtidos pelo grupo.

Parade 0-Atlético B 1; Belenenses 4-Estoril 1.

Triunfaram as melhores equipas. Os alcantarenses com certa dificuldade, mas o Belenenses com facilidade.

A equipa de Belém não é melhor do que a da época passada, mas, contudo, pratica um bom futebol, onde se nota quase que uma técnica perfeita.

Arroios 1-Cascalheira 2; Sporting B 3-Desportivo Operário 2.

Os vencedores não convenceram os vencidos nem os espectadores presentes. Ganharam como podiam ter perdido, e só aquelas coisas da «Sorte do Jogo» é que resolveram a contenda.

Vitória 0-Atlético A 3.

Os rapazes de Alcântara, formam uma boa equipa. Jogam bom futebol e lutam com entusiasmo.

M. V.

## ANDEBOL

# DOIS TORNEIOS LIQUIDADOS

A Associação de Lisboa, mau grado o péssimo estado do terreno e a chuva que não cessa de cair, quiz dar satisfação às três centenas de espectadores que corajosamente haviam pago o seu bilhete para assistir ao festival e conseguia o acordo dos árbitros para que julgassem o campo em condições.

Na realidade, não sucedia assim; sobre um terreno ensoado, revoltoso, como se houvesse sido lavrado, é impossível jogar andebol e são dignos de loovar os vinte e dois jogadores do Sporting e do Oriental, pelo empenho que puzeram, de princípio o fim do encontro, em adaptar-se às circunstâncias, proporcionando agradável demonstração e movimentada luta.

Ambos os grupos adoptaram a única tática plausível, organizando os seus esquemas por passagens da bola de mão a mão, evitando driblings e batimentos no solo; só por este sistema lhes foi possível exibir andebol de regular qualidade em condições que desculpam todas as imperfeições.

O Sporting venceu por 3-1, merecidamente; não porque houvesse, no geral, manifestado acentuada supremacia, mas porque os seus avançados foram mais expeditos em rematar à baliza, lembrando-se de que é sempre insegura a acção do

guarda-redes sobre um mar de lama e com a bola escorregadia.

O Oriental, com a sua equipa de jogadores novos, feitos na casa, está bem apetrechado para as competições da temporada e a obra que este clube está realizando em prol da propaganda da modalidade, preparando juniores e atraindo adeptos, pode apontar-se como exemplo aqueles que preferem reforçar os seus quadros recrutando nas hostes alheias. Não temos dúvidas sobre a eficiência relativa dos dois métodos.

Antes desta final da Taça Tenente-Coronel Salvação Barreto, liquidou-se o apuramento do vencedor do torneio relâmpago, com a repetição do encontro de meia-final entre «Os Treze» e o Almada, que fôra anulado por erro de arbitragem. O vencedor volta a ser o mesmo, mas o critério do dirigente da partida presta-se a dúvidas quanto à oportunidade de algumas das suas decisões.

O outro finalista era o Belenenses, que meia hora depois da que fôra marcada para início do jogo, não conseguira ainda reunir número suficiente de jogadores para poder alinhar, pelo que «Os Treze» foi declarado vencedor do torneio sem necessidade de nova competição.

José de Eça

## VOLEIBOL

# Campeonato Nacional

Tem decorrido com grande interesse e entusiasmo o 1.º Campeonato Nacional de voleibol, que a respectiva Federação promoveu com a participação de dois grupos de Lisboa e dois Porto.

Os representantes da capital foram escolhidos numa «poule» entre os quatro primeiros do campeonato regional do ano passado; Técnico e Benfica, eliminaram Sporting e Ateneu.

Na zona norte também se disputou idêntico torneio de apuramento, que classificou Leixões e Espinho.

Para a primeira volta do torneio, os clubes lisboetas visitaram os portuenses e trouxeram, no regresso, três vitórias e uma derrota. Na generalidade devemos confessar que o comportamento das equipas norteñas nos surpreendeu agradavelmente.

Como o técnico venceu já duas vezes o Benfica e o Leixões fez o mesmo em relação a Espinho, a posse do título decidir-se-á no jogo que amanhã, quinta-feira, à noite se realiza no ginásio do L. S. T., entre o grupo campeão de Lisboa e o campeão do Porto, que hoje, no mesmo local e à mesma hora, defronta o Benfica. Simultaneamente com este cam-

peonato tem prosseguido o Torneio de Encerramento, no qual, ao cabo de quatro jornadas, o Técnico e o Sporting se conservam invictos, contando o Benfica e o Estoril apenas uma derrota.

Nunca a actividade do voleibol manteve ritmo tão acelerado como nesta ocasião, com quatro ou cinco sessões semanais.

S. C.

Ano VI — II Série — N.º 262  
Lisboa, 10 de Dezembro de 1947

**Stadium**

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração

RUA DA ROSA, 252 - 1.º  
LISBOA

Director e Editor:

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:

TAVARES DA SILVA

Propriedade da

Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

**Stadium**



**Eis a máscara de Francisco Rocha, — uma expressão onde não é difícil adivinhar a vontade de triunfar**

# FRANCISCO ROCHA

**O fogoso avançado-centro BELENENSE, cuja carreira depõe a favor da escola clubista,**

**falou à Stadium**

sector atacante levou o meu mestre e dilecto amigo, Rodolfo Faroleiro, a deslocar-me do meu lugar habitual. «A princípio — prosseguiu — não me agradou muito a mudança. E a razão compreende-se... desde «miúdo» que me habituara a defesa, e sentia-me bem nesse compartimento da equipa. Reconheci, porém, que se tratava duma conveniência do meu clube, e que se o meu treinador assim o entendia, só tinha um caminho a seguir: obedecer. Foi isso que fiz!

Quisemos saber qual dos lugares lhe merece preferência, agora: — Aquele em que jogo actualmente, embora me dissessem que poderia ter futuro no antigo... Se lucrei com a troca, se virei ou não a corresponder à esperança que Rodolfo Faroleiro em mim depositou, só o futuro poderá dizer — ainda que eu faça o que em minhas forças caiba para justificar a adaptação; mas, na verdade, sinto-me bem no eixo do ataque. Tenho ensejo para mais movimento; para dar mais largas ao meu temperamento fogoso e, sobretudo, para fazer golos...

— Tem muitos no seu activo? Rocha sorri e responde-nos com modéstia:

— Assim... assim!  
— Houve algum com «sabor» especial?

— Se houve... — diz-nos o nosso interlocutor, com um acento de alegria na voz — foi o golo que marquei no Campo Grande, no jogo que ganhamos ao Benfica, por 2-1, na segunda volta da Taça de Honra. Além da alegria natural de haver conseguido um tento, que foi o primeiro da minha equipa nesse prélio, era o jogo em que me estreava na categoria de honra...

— Em que categorias jogara, até então?

— Depois de duas épocas nos júniores, porque a idade não me deixava «subir», fiz a época passada a alterar entre a segunda categoria e a Reserva.

— Que sensação lhe causou o encontro de estreia na equipa principal?

— Pode crer que não exagerei se lhe dizer que estava absolutamente calmo. Eu próprio me admirei de não sentir o nervosismo que supunha me atacaria pela diferença de ambiente, mas a grande verdade é que encaiei o desafio com uma serenidade admirável. E depois... aquele golo...

— Gosta de alinhar no «Belenenses»?

— Isso nem se pergunta — foi a resposta que obtivemos —.

E acrescentou: — «Foi aqui que comecei, praticamente, a minha carreira, pois no tempo em que jogava na Trafaria — embora tivesse encontrado no orientador do clube, uma figura muito popular, ali

conhecia por «João da Fadista» um precioso estímulo para ir mais além — era apenas a intuição que me levava a fazer «coisas». Foi, portanto, quando ingressei neste grande baluarte do desporto, pela mão do famoso internacional Rafael Correia, que comecei a receber os ensinamentos preciosos que possuo. Há, neste capítulo, dois nomes que deixo fixar, pelo muito que contribuiram para poder alcançar o que sou: Augusto Silva e Rodolfo Faroleiro.

Uma ligeira pausa, para «tomar



**Rocha exhibe o fruto das lições de Scopelli, o representante do «malabarismo» do futebol argentino**

fôlego», e Francisco Rocha, perdida a timidez inicial, continua:

— «Se ao primeiro muito devo, como principal orientador técnico do clube, não poderei nunca esquecer quando o segundo se empenhou a fundo na minha preparação individual, para que resultasse a adaptação de que já lhe falei. Por tal forma, que não sei que mais admirar e louvar nele: se a sua dedicação e amizade, se a sua competência nos ensinamentos técnicos que me ministrava — como, aliás, a todos os seus pupilos — nas duas épocas em que o tive como mestre, desde 1945.

E como remate: — «Não admira, portanto, que devendo eu à magnífica escola do «Belenenses» o que possa vir a ser no futebol, acrescido da magnífica camaradagem que encontro em todos os seus atletas e das bastantes provas de carinho que tenho recebido dos seus dirigentes, me considere plenamente satisfeito por o representar, entendendo como meu dever bater-me com galhardia pela defesa da sua camisola sempre que me seja dada a honra de a vestir.

Pretendemos agora saber se Francisco Rocha tem ambições. Eis a sua resposta:

— Como todo o bom futebolista que se preza. Tenho duas, até: a primeira, que me seja possível responder com dedicação, e sempre com a mesma fé, aos ensinamentos colhidos na escola clubista que é o agregado Belenense; a segunda, mais difícil de realizar, mas não impossível, porque sou bastante novo, vestir um dia a camisola das quinas. Se chegar esse momento, poderei então considerar saldada a dívida que contrai com o meu clube, porque será para ele a honra...

— E preferências, na admiração, por camaradas do desporto?

— Sou incondicional admirador de todos os meus colegas de equipa. Quer como jogadores, quer como camaradas, todos têm sabido impôr-se ao meu respeito e consideração. Admiro muito, também, esse extraordinário jogador que é Azevedo, assim como há três inolvidáveis figuras que venero, pelo muito que deles tenho ouvido como exemplos de dedicação e fé: Artur José Pereira, Pepe e Augusto Silva.

Ainda no campo das preferências, perguntamos-lhe em seguida qual a equipa que mais gostou de ver actuar na Taça de Honra.

— A do Sporting — diz-nos. É incontestavelmente uma equipa poderosa. A sua linha avançada impressiona pela homogeneidade.

Dada a fase atravessada pela equipa de Francisco Rocha nos primeiros jogos desta época, quisemos ouvir a sua previsão quanto ao comportamento da mesma no Campeonato Nacional agora começado. Respondeu-nos com segurança e inabalável fé:

— Confio numa boa classificação. A época está, por assim dizer, em princípio, e o campeonato dura seis meses. Tenho a certeza que Scopelli, uma competência inegável ao serviço do meu clube, cujas lições são altamente proveitosas, há-de conduzir o «Belenense» ao plano a que ele tem incontestável direito. Confieemos, portanto.

O tempo passará célere. Urgia, pois, apresentar as nossas despedidas a F. Rocha, agradecendo-lhe as declarações que nos prestara nesta sua primeira entrevista.

Fizémo-lo, depois da promessa-de exarar aqui — o que cumprimos — as suas últimas palavras:

— «Quero aproveitar a Stadium, para agradecer nas colunas dessa magnífica Revista todas as amabilidades e atenções que tenho recebido por parte dos dirigentes, colegas e massa associativa do meu clube. A todos, sem excepção, estou muito e muito grato.»

E findará a reportagem.

ROSA DE MATOS



Vasques e Jesus Correia, uma asa estupenda, numa combinação. Eloi quer cortar o passe...



Vieira e Alberto auxiliam o ataque. Sidãoio não consegue o remate!



Um salto cheio de energia de Sidãoio, mas Alberto suporta o ímpeto!



Laranjeira defende, sob protecção. Os avançados leoninos ainda não perderam as esperanças...



Rosário (Atlético) em luta com Augusto (Elvas). Vê-se ainda Massano...

Fotos A. FERRARI



Uma fase de expectativa junto das balizas do Estádio

**SPORTING** a magnífica classe de um ataque brilhante!

**SPORTING DE BRAGA FELIZ EM SETÚBAL!**



O presidente do Vitória de Setúbal entrega um galardão ao representante do Sporting de Braga. É a primeira vez que Braga se apresenta no campo dos Arcos

Fotos BARATA



Um bragançense em *dribling*, ante dois jogadores de Setúbal



Patalino conduz a bola. De um lado está Morais e do outro Massano

**ATLÉTICO, BOM CONJUNTO!**

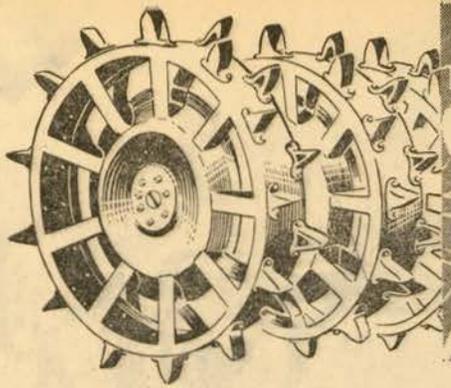


Nesta jogada, muito curiosa, distinguem-se da esquerda para a direita: Massano, Patalino, Morais e Augusto



As tres fotografias que publicamos representam trechos movimentados do encontro Vitória de Setúbal-Sporting de Braga que terminou empatado. Os bragançenses fizeram uma exibição agradável, de boa adaptação ao estado do terreno. E os setubalenses lutaram com vivo entusiasmo. Resultado certo!





# JÁ CHEGARAM AS RODAS DE FERRO

PARA OS TRACTORES

## Fordson-Major

COM VIA FIXA OU VARIÁVEL E RODADO COM PNEUS E CUNHAS

### SRS. AGRICULTORES!

A lavoura tem os seus problemas e no verão estes duplicam de importância.

Além da necessidade de executar rapidamente muitos trabalhos em extensões importantes lutam os srs. agricultores com a carestia do gado de trabalho e a escassez de mão de obra.

Com tractores económicos e de fácil manobra equipados com alfaias adequadas poderão lavar, gradear, semear, sachar, ceilar e transportar os seus produtos.

Muitos outros trabalhos poderão efectuar com tractores mais economicamente do que até aqui.

**OS TRACTORES FORDSON-MAJOR ESPERAM-NO. ANTES DE FAZER QUALQUER DESPEZA PENSE NA VANTAGEM QUE LHE OFERECEM.**

SEM COMPROMISSO, PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

PRONTOS PARA FORNECIMENTO IMEDIATO

*Ford Lusitana*

OU SEUS CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

BEJA — José Pinto Castro	OLIVEIRA DE AZEITE — Manuel Aires de Freitas
BRAGA — Rinhão & Teixeira, L. <sup>da</sup>	PONTA DELGADA — Eusebio Rodrigues & C. <sup>da</sup> , L. <sup>da</sup>
CAIDAS DA BANDEIRA — Auto-Létrico, L. <sup>da</sup> , Filiz	PORTALEGRE — Auto Portalegre, L. <sup>da</sup>
CASTELO BRANCO — J. Veloso & Irmãos, L. <sup>da</sup>	PORTO — Manuel Aires de Freitas & C. <sup>da</sup> , L. <sup>da</sup>
COIMBRA — Albuquerque, Conceição & Irmãos, L. <sup>da</sup>	POVOA DO VARZIM — Tractores da Viação
COVILHES — Ferreira & Prota, L. <sup>da</sup>	REUS — Fátima Alves Soares & Irmãos, L. <sup>da</sup>
ÉVORA — Cândido & Indústrias Económicas, L. <sup>da</sup>	SANTARÉM — Oliveira, L. <sup>da</sup>
FARO — Fomento Industrial e Agrícola de Algarve, L. <sup>da</sup>	SERPA — Marcos dos Santos Silva
FUNCHAL — Medeiros Auto-Car, L. <sup>da</sup>	SETÚBAL — A. Marques dos Santos
GUARDA — António Ferreira	TOMAR — Auto Mecânica Transmissões, L. <sup>da</sup>
LEIRIA — Auto-Létrico, L. <sup>da</sup>	TORRES VEDRAS — Sá Costa & Góes, L. <sup>da</sup>
LISBOA — J. Mendes Coelho, L. <sup>da</sup>	VILA FRANCA DE XIRA — Sá Costa & Góes, L. <sup>da</sup>
	VILA REAL — Luis Teodoro
	VISEU — A. Lopes Ferreira



UMA colectividade curiosa, de características muito próprias, este Sport Clube Maria Pia, fundado no dia 1.º de Dezembro de 1922, e vivendo agora, portanto, o momento festivo das suas bodas de prata.

Ao nascer para a vida, por sinal num dia histórico, mercê do esforço e dedicação de um grapo animoso de cerca de 300 ex-alunos da Escola Profissional de D. Maria Pia, a simpática agremiação surgiu, em tanto a maneira do Casa Pia Atlético Clube, com um primordial objectivo: sustentar pela vida fora, entre os seus associados, as relações de camaradagem adquiridas na Escola. A sua função era, assim, absolutamente social. O desporto seria derivativo, complemento, meio...

Esta linha de conduta, óptima em todos os pontos de vista, não pôde, infelizmente, manter-se. E o Maria Pia possuiu, a partir de determinada altura, a ser um clube para toda a gente — antigos alunos, ou não.

Não tiveram, porém, de que se arrepender os seus dirigentes, pois o clube tem encontrado, mesmo fora dos ex-alunos, grandes dedicações e quem tenha defendido a sua bandeira com entusiasmo sincero.

COMO todas as colectividades que atingem a já bonita conta de vinte e cinco anos ao serviço do desporto, tem o Maria Pia, no seu historial, vários títulos de orgulho: a aten-

## O esforço do MARIA PIA

### Apropósito das suas bodas de prata

ção que sempre dispensa à prática da ginástica, sendo até, neste particular, o primeiro clube português — depois do Lisboa Ginástico — que manteve e apresentou em público uma classe feminina dirigida por mestre Anibal Ramos; a acção desenvolvida em favor da luta greco-romana de que teve um campeão, Lopes de Azevedo; o carinho que lhe mereceu a nataçã, nomeadamente na organização de provas; os êxitos alcançados pelo seu celebre «team» de «water-polo» que no seu primeiro jogo cometeu a proeza de vencer o Ginástico Clube Português; a dedicação que sempre manifestou pelo ténis de mesa, cuja Associação lisboeta ajudou a fundar.

EMBORA afastado do grande público, o Maria Pia não pára. A sua sede, instalada em edificio independente na rua de S. Gens, tem beneficiado, periodicamente, de importantes obras. Quando da passagem do 21.º aniversário da colectividade, foram notáveis os melhoramentos nela introduzidos: o salão de bilhar e ténis de mesa ficou

mais amplo, o gabinete da Direcção mais confortável; o balnete melhor instalado e em local mais adequado; o salão de festas com o paleo bastante melhorado.

No ano transacto, outro melhoramento notável: a inauguração, junto à sede, do novo campo de basquetebol, a que com inteira justiça foi dado o nome de Canha Martins, sem sombra de dúvida, o grande pioneiro do Maria Pia. O referido campo apresenta-se muito bem cuidado, com aspecto agradável, e é presentemente o único de piso cimentado que existe em Lisboa, motivo que determinou a sua escolha para a realização dos treinos da selecção nacional.

A partir de 1934, o Maria Pia dispensa o melhor carinho ao basquetebol, modalidade em que tem alcançado os seus mais recentes triunfos: um campeonato de promoção e um campeonato da 2.ª Divisão da A. B. L., de cuja 1.ª Divisão presentemente faz parte.

Na época passada, o Maria Pia disputou, como habitualmente, o campeonato da 1.ª Divisão,



A categoria de honra do Sport Clube Maria Pia que, na época de 1940-41, venceu o campeonato de Promoção da Associação de Basquetebol de Lisboa: Pimentel Saraiva (cap.), H. Madeira, Raul Vidal, Lomolino, Lemos e Mira. É curioso acentuar que foi esta equipa que ascendeu à 2.ª Divisão, vencendo nos jogos de passagem o Nacional de Nataçã, ingressando mais tarde na Divisão de Honra, após destronar o Campolide. Era um forte conjunto, que simboliza bem a época aurea do basquetebol dentro do Maria Pia

nas três categorias, e muito embora as classificações alcançadas não tenham sido notáveis, a verdade é que a crítica foi unânime em acentuar o brio e desportivismo de que os rapazes da colectividade da rua de S. Gens sempre deram provas, por me-

# Um aviso aos jogadores portugueses...

## O calvário dos árbitros brasileiros

(Especial para «Stadium», do nosso redactor no Rio de Janeiro CANDEIAS ALVAREZ)

Temos certa convivência com Rogério, um dos mais famosos jogadores portugueses, embora exageradamente colocado, em certa altura, nos pincaros da lua, coisa que por certo deve ter feito muito mal ao rapaz...

Como português que ainda há pouco assistia aos grandes jogos do seu país, e até — vá lá a informação — como antigo afeiçoado do S. L. e Benfica, interessava-nos o bom comportamento de Rogério em terras do Brasil. Por isso mesmo temos seguido a sua carreira no Botafogo, assistindo aos seus jogos e até aos seus treinos, aconselhando-o cuidadosamente, no intuito de vencer o seu desanimo, o seu nervosismo e as dificuldades que agora o acompanham.

Este trabalho, porém, pouco êxito tem tido. Rogério, decididamente, não venceu no Rio de Janeiro — e já não vencerá. O Botafogo, mesmo, pretendeu fazer o «trespasse», convencido de que Rogério é um caso arrumado.

— Mas — perguntará o leitor — Rogério não é o mesmo jogador que conhecemos no Benfica? Perdeu, por completo, a sua classe?

— Não perdeu — responderemos. Rogério é bom elemento e fez aqui esforços para vencer. Porém, o meio é ingrato até o exagero, até à violência, e oxalá que mais nenhum jogador lusitano

pense fazer as malas para tentar fortuna no Brasil. Fracassou Rogério, é uma triste verdade, mas fracassará qualquer outro. Fracassaria «Pinga» se cá tivesse vindo nos seus bons tempos, nos tempos em que a sua classe inimitável enchia os campos portugueses!

Alberto Augusto esteve no Brasil, jogou por um clube brasileiro, fez algo de aproveitável — segundo ouvi — mas Alberto Augusto tinha um temperamento diferente. Era um sabedor, um homem que conhecia muito bem o público e os dirigentes. E os colegas. Advinhava-os e não lhes tolerava caprichos.

O futebol brasileiro, como os meus compatriotas já viram, por mais de uma vez, tem um «padrão» especial. A classe do futebol brasileiro é indiscutível, mas também é de acreditar no valor dos portugueses. Ora Rogério precisava de estímulo para se evidenciar numa equipa do Brasil. Não o encontrou, por mal dos seus pecados, e daí o fracasso que não o salvará de um regresso breve.

Em verdade, Rogério também é culpado. Não teve talento para resistir contra um ambiente pouco simpático, e ele próprio se deixou envolver por uma rede de inimigos — recusando-se a obedecer a determinações vindas da gerência do Botafogo. Falta-lhe vontade pessoal.

Lamentamo-lo sinceramente. Ainda um dia poderemos ver Rogério sair desta indolência, e como por via do que se passa certamente regressará ao seio dos nossos compatriotas, — acreditemos todos nesta crise passageira. Crise de ordem moral que não deve afectar as suas possibilidades.

E repetimos: — não deve pensar nenhum jogador português em atravessar o Atlântico. O futebol no Brasil tem exigências que a falta de sério profissionalismo em Portugal não deixa acompanhar. Não valem os menos, ou muito menos, se quiserem, no terreno do jogo. Mas como somos inferiores no campo da organização, é preciso pensar muito, — antes de dar um passo tão arrojado como o do antigo extremo esquerdo do Benfica!

### Os árbitros brasileiros

É um problema sério — muito complicado no Brasil! Poucos juizes de campo conseguem fugir ao ódio público, mas para melhor esclarecimento dos leitores portugueses, transcrevo um comentário de Florita Costa, que é suficiente:

«A insolita agressão sofrida pelo árbitro Gama Malcher, veio claramente demonstrar que temos muito ainda que aprender em matéria de desporto. O facto em si, causou repulsa em todos os sectores desportivos, principal-

mente porque a vítima era um valor novo, dotado de predicados essenciais para a difícil missão de árbitro, e que viera da longínqua Belem, para atender aos insistentes convites do director do Colégio de Árbitros, no seu afã de rejuvenescer o nosso combalido corpo de árbitros. Mas, o momento é oportuno, já que todos se levantam para acusar o agressor do árbitro, ou os responsáveis pela agressão, que os acusadores, façam um exame de consciência e vejam se estão em condições de atirar a primeira pedra...

O noticiário desportivo, quando obedece a orientações clubísticas, comumente caustica os árbitros, colocando sobre os seus ombros a responsabilidade de tudo que ocorre nos jogos. Se um jogador agride o outro, o culpado é o árbitro, que não reprimiu a tempo: se o árbitro pune a tempo, acham que houve excesso de autoridade; as falhas dos jogadores nada são, comparadas a um impedimento mau cobrado, e os comentários, quase sempre, colocam o árbitro como um faltoso, que no mínimo falhou nos impedimentos. Aí está, a verdadeira causa da agressão, ao árbitro Malcher, que foi agredido como seria qualquer outro que naquele dia fosse ao campo do Bonsucesso.

Agora informámos nós: ao árbitro Malcher aconteceu apenas isto — o maxilar e 4 costelas fracturadas!...

### Os terrenos do antigo Derby Clube

Ao fim e ao cabo, e depois de tanta discussão travada na Câmara dos Vereadores, depois de tantos rios de tinta terem corrido em polémicas permanentes contra os «amigos da onça», que durante cerca de três meses prejudicaram a aprovação do projecto para a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, foi assinado pelo Prefeito Mendes de Moraes o decreto que autoriza a construção nos terrenos do antigo «Derby Clubs».

Ao mesmo tempo é outorgado ao chefe do Executivo Carioca o direito de instituir uma autarquia que terá por encargo a obtenção de meios financeiros, meios esses que serão alcançados por subscrição pública de 30.000 cadeiras cativas por 5 anos e emitidas apólices resgatáveis.

O acto em questão terá a presença de Ministros do Estado, autoridades civis e militares desportistas, imprensa e rádio, especialmente convidados.

Vai ser uma realidade a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, onde se disputarão os jogos do Campeonato do Mundo a realizar em 1950!

## Ecos...

O Benfica vai proporcionar aos amantes do bom futebol — com a colaboração do jornal o «Século» — a oportunidade de admirarem a famosa equipa do Arsenal, de Londres, estando a visita projectada, em princípio, para 10 de Fevereiro.

Com a interdição de Gago da Silva, do Sporting, de poder tomar parte nos encontros que a equipa de ténis de mesa do seu clube resta disputar na «Taça Diário Popular», a multa de cem escudos ao Benfica e a substituição do elenco directivo da A. T. M. L. por uma Comissão Administrativa nomeada superiormente, foi encerrado o inquérito ordenado pela D. G. D., após o jogo que originou o castigo ao referido jogador, pela Associação.

Rosário, o jogador que na época finda alinhou pelo Elvas e pretendia, na presente, alinhar no Benfica, voltou ao clube de origem — o S. L. Carfaxo — onde já efectuou um jogo. Parece encerrado, assim, o pleito entre as duas primeiras colectividades.

Embora a época de futebol ainda vá em princípio, o certo é que já se começam a esboçar «movimentos» para a transferência de alguns elementos que no próximo ano desejariam «mudar de clima». Assim, já se fala — e com insistência — em dois categorizados jogadores dum clube provinciano, recentemente exibido em Lisboa, que procurarão transferir-se para um dos «grandes».

Oliveira Ramos, o conhecido e valoroso tenista de mesa, vai ser homenageado pelo seu clube, o Benfica, com a realização em 20 do corrente, da Noite Oliveira Ramos. Haverá duas provas, de singulares e de pares, dotadas com taças, a eliminar ao primeiro jogo e no máximo de 10 e 15 minutos, respectivamente. No restaurante da Secretaria realizar-se-á, em 22, um jantar de homenagem, com inscrição livre. A Secção de Ténis de Mesa do clube dos «encarnados», promotor da organização, felicitamos pela iniciativa, que Oliveira Ramos bem merece, pelo seu passado.

O treinador do Belenenses vai ter um auxiliar, e a escolha recaiu no antigo jogador Bernardo, que é homem de confiança de Scopelli e seu antigo companheiro de rectângulo. Na verdade, a tarefa do treinador de um clube já é demandada para um homem só, justificando-se a existência de auxiliares.

No Benfica cooperam com Lippo Hertzka, os antigos jogadores Alfredo Valadas e Luis Xavier.

nor que, aliás, muito nos agrada, também, pôr em relevo.

Mas há, ainda, no que toca ao basquetebol dentro do Maria Pia, um aspecto curioso: é a escola de juniores, reservada a rapazes dos 12 aos 15 anos, que nunca tenham praticado a modalidade, e que é prolífera e obscuramente dirigida pelo conhecido técnico José da Costa Pinheiro.

Presentemente, a «escola» está em franca actividade, e o Maria Pia deposita nos seus juniores as melhores esperanças.

É festiva, para o simpático Maria Pia, a hora que passa. São as suas bodas de prata. Por isso o visitamos há dias. Não fomos somente, em respeito à tradição, deixar o nosso cartão de felicitações. Iamos, também, colher estas breves notas de reportagem que o nosso prezado amigo Mário Sampaio, actual presidente da Direcção, amavelmente nos forneceu.

«O Maria Pia mantém-se no seu posto, com a firmeza de sempre» — declaro-nos à despedida. Aliás, foi essa, também, a impressão que colhemos. Dentro dos seus característicos, o Maria Pia é um pelor do desporto nacional. — A. T.

# VITÓRIA (G.) 2 - BENFICA 2



Apesar de carregado, Machado defende!



Miguel conduz a bola, mas Cerqueira acorre...



Corona e um adversário disputam a bola com energia

Fotos B. DA CRUZ



Rogério tenta a defesa e Francisco Ferreira saltou, com o mesmo fim...



Fernandes e Cerqueira, em luta com o ataque adversário



1 — Uma vista panorâmica do novo estádio do Real Madrid, em Chamartín, que o Belenenses vai inaugurar no próximo domingo. O maior campo de clubes do Mundo.



2 — No último encontro do Campeonato de Espanha, o Real Madrid, próximo adversário do Belenenses, surpreendeu o público apresentando os jogadores numerados como se faz noutros países.

3 — Real Madrid — De pé, da esquerda para a direita: Calleja, Clemente, Cabrera, Pons, Ortiz, Huste e Pruden. De joelhos: Macala, Molowny, Alonso e Corona. Este grupo, com a substituição do guarda-redes por Bañón, será o adversário do Belenenses.

(Fotos da Agência Efe)

# Comentários

## Preparação ginástica

A forma como decorreu o último encontro de futebol com o grupo da França deixou na crítica a impressão de quebra de poder dos jogadores portugueses ao chegarem ao segundo tempo, talvez por insuficiência de preparação física.

Alegrou-se, em justificação dos seleccionados, a circunstância de estarmos ainda nos princípios da temporada, mas a razão não é inteiramente convincente.

Sabe-se que no plano de preparação apresentado às entidades superiores pelo Comité Seleccionador, eram incluídas a assistência e a prática apropriada do atletismo, de facto elementos indispensáveis para que se consiga nos futebolistas uma forma física perfeita, resistência e agilidade convenientes.

Sucedeu, no entanto, que nenhuma destas formas de aperfeiçoamento foi posta em prática, por motivos que desconhecemos; o mal, em parte, não seria completo se os clubes a que pertencem os jogadores seleccionados cumprissem rigorosamente aquilo que a lei lhes impõe: ministrar com regularidade ginástica a todos os seus representantes desportivos.

Não pretendemos dizer assim, que os clubes não mantêm as suas classes de ginástica; elas funcionam com regularidade, mas os jogadores não vão lá, ou raros são aqueles que comparecem e os dirigentes — porque ainda os há que julgam superflua a ginástica e único treino necessário o que é feito no campo com a bola — descuidam de obrigar os restantes a cumprirem o seu dever.

Se amanhã, por exemplo, uma fiscalização superior legítima, exigisse o certificado de frequência dos jogadores das categorias de honra, passado pelo professor de ginástica do clube, não hesitamos em afirmar que haveria equipas das quais não escapava um único, para amostra.

## O mais longo reinado

Falam de novo os jornais americanos no projecto de retirada do campeão mundial de boxe, Joe Louis, que esperaria apenas pelo aparecimento de um pugilista que julgasse digno da sua sucessão.

Se assim for, o famoso negro poderá gabar-se de ter mantido a sua soberania durante maior prazo do que qualquer dos seus 12 predecessores.

O primeiro campeão do Mundo oficialmente reconhecido foi o americano John Sullivan, que em 7 de Fevereiro de 1882 venceu por K. O., ao 9.º assalto, Paddy Ryan.

Dez anos e sete meses depois, em 7 de Setembro de 1892, cedeu o cetro a Jim Corbett que o bateu também por K. O., ao 21.º assalto.

Bob Fitzsimmons tomou a sucessão em 17 de Março de 1897, pondo Corbett fora de combate ao 14.º assalto.

No dia 9 de Junho de 1899, James Jeffries conquistou o título máximo, derrubando o detentor ao 11.º assalto; nenhum candidato conseguiu batê-lo até 1906, ano em que decidiu retirar-se, entregando o título a Tommy Burn, que em 23 de Fevereiro bateu o aspirante ao título, Marvin Hart, por pontos em 20 assaltos.

Em 26 de Dezembro de 1908 o negro Jack Johnson venceu-o por K. O. técnico no 14.º assalto e apossou-se do campeonato que, em 4 de Julho de 1910 defendeu vitoriosamente da tentativa do antigo campeão Jeffries, posto fora de combate em 15 assaltos.

Em 5 de Abril de 1904 o gigante Jess Willard bateu Johnson por K. O. no 26.º assalto de um combate cuja lealdade foi muito discutida ao tempo.

Veiu depois um homem que deixou grande

1. Mer. Verme  
2. Jeu. Juste  
3. Ven. Muniz  
4. Sab. Rosalie  
5. Dim. Il. Lau  
6. Lun. Magim  
7. Mar. Gratiu  
8. Mer. Nativid  
9. Jeu. Gora  
10. Ven. Nicolau  
11. Sab. Felix  
12. Dim. 12. Eul  
13. Lun. Air  
14. Mar. Ex. s.  
15. Mer. Arca  
16. Jeu. Coré  
17. Ven. Lam  
18. Sab. Ferre  
19. Dim. 13. Jen  
20. Lun. Eustaci  
21. Mar. Malha  
22. Mer. Mar  
23. Jeu. Li  
24. Ven. S.  
25. Sab. S.

**Breitling**  
APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA

Cada cronógrafo Breitling é acompanhado de um certificado de origem que serve de garantia pelo seu perfeito funcionamento

Jama: Jack Dempsey, que bateu Wilard por K. O. técnico ao 4.º assalto.

Dempsey baqueou ante Gene Tunney em 23 de Setembro de 1926, por pontos, em 10 assaltos.

Tunney retirou-se em 1929, sendo o título disputado em 12 de Junho de 1930 entre o alemão Schmeling e o americano Sharkey, que foi desclassificado por golpe baixo no 4.º assalto.

Em 21 de Junho de 1932, os mesmos adversários se defrontaram e Sharkey venceu Schmeling por pontos em 15 assaltos.

Os últimos campeões tiveram curto reinado; Sharkey foi vencido por Primo Carnera em 29 de Junho de 1933, por K. O. ao 6.º assalto; em 14 de Junho do ano seguinte Max Baer elimina o italiano, por K. O. técnico no 11.º assalto; Braddock sucede a Baer em 13 de Junho de 1935, batendo-o aos pontos em 15 assaltos e, finalmente Joe Louis inicia o seu reinado em 22 de Junho de 1937, pondo fora de combate o detentor, no 8.º assalto.

Já passaram dez anos e meio e não se vislumbra quem possa desaposar o extraordinário pugilista da sua coroa, que já começa a pesar-lhe.

## As melhores marcas portuguesas

Lançamento do martelo.—48.º41, Manuel da Silva (Sp.), 16-9-45; 47.º37, Herculano Mendes (Ac.), 6-8-39; 39.º68, António Bustorff Ferro (Bf.), 15-8-43; 35.º06, Avelino Santos Touça (Sp.), 2-8-41; 35.º, António Lis Ferreira (Cif), 12-6-32; 34.º37, Manuel Ernesto Santos (Mac), 17-7-38; 33.º57, António Cardoso (Cif), 31-7-26; 33.º46, José Luís Nunes Silva (Sp.), 14-7-46; 33.º35, Rui Azevedo (Ac.), 6-7-47; 33.º06, Joaquim Ferreira Borges (Cif) 13-7-30.

Lançamento do peso (5 quilos).—16.º45, José Garnel (Sp.) (senior); 15.º33, Emídio Ruivo (FNAT) (senior); 15.º19, Mário Ferreira dos Santos (Cif); 15.º10, Luís Pinto Basto (Cif); 15.º03, Romeu Correia (Alm.) (senior); 14.º645, Gerard Castelo Lopes (Sp.); 14.º305, Nuno Barros (Bf.); 14.º30 Manuel da Silva (Sp.) (senior); 14.º20, Nelson Gomes (Ac.); 14.º12, Fernando Ferreira (Bf.) (senior).

S. C.

# HENRIQUE CALADO

O mais classificado cavaleiro do ano faz à "Stadium" curiosas revelações

CHEGOU ao fim a temporada hípica de 1947, na qual obteve o lugar de primeiro entre os primeiros o tenente Henrique Calado, concursista brilhantíssimo que de ano para ano vem impondo o seu extraordinário valor e as suas inegáveis qualidades de verdadeiro desportista. Foi ele o cavaleiro mais premiado desta época e alcançou nela dezasseis primeiras classificações entre os quais os «Grandes Prémios» de Burgos, Sintra e Caldas da Rainha, a «Taça de Ouro da Península» no Concurso de Lisboa e ainda a «Taça de Honra» do certame de Burgos e o Campeonato do Cavalo de Guerra.

Cavaleiro de excepcionais qualidades, concursista dos mais brilhantes de quantos têm entrado nas nossas pistas, o tenente Henrique Calado conseguiu este ano um conjunto de classificações notabilíssimas, merecendo bem os entusiásticos e prolongados aplausos do público, quer em Portugal quer em Espanha, onde actuou em Madrid e Burgos como componente da nossa equipa nacional. Na segunda cidade espanhola conseguiu, mercê das suas classificações, o epíteto de «el fenomeno» e nos concursos realizados no nosso país, principalmente em Cascais e nas Caldas da Rainha, o seu nome era sempre apontado como «grande favorito».

Está já referida nas nossas colunas a biografia do distinto cavaleiro, mas havia ainda pormenores a focar, e entre eles os seus numeros admiradores, arquivarão gostosamente como complemento de uma carreira que está a ser brilhantíssima. Resolvemos dá-los à guisa de biografia mas, pensando melhor, concluímos que seria bem mais interessante ouvir do próprio cavaleiro os elementos que nos faltavam, colhendo opiniões oportunas.

— Há quantos anos concursa P?

— eis a nossa primeira pergunta.

— Tomei parte pela primeira vez em Concursos Hípicos em 1933 na prova «Discípulos» do Con-

curso de Lisboa. A partir de 1936 comecei a tomar parte nas provas de inscrição geral, primeiro de casaca encarnada, depois fardado da Mocidade Portuguesa e por último como oficial do Exército. Como nasci em 1920. — ano em que debutou Helder Martins, — desde os 13 anos que ando em Concursos, mas desde que me entendo que lido e monto a cavalo, pois meu pai, grande entusiasta pelo hipismo, cedo me transmitiu a sua paixão pelos cavalos.

— Quem foi o seu professor, sr. tenente P? — perguntámos com interesse.

— O primeiro que tive foi o meu saudoso pai, a quem muito devo pelo muito que com ele aprendi e pelo que me transmitiu do seu temperamento de verdadeiro homem de cavalos. Até falecer sempre me acompanhou e, mais do que eu, viveu as minhas vitórias.

E o tenente Calado prossegue: — Outro mestre que também não esqueço é o capitão Correia Barreto, meu instrutor no Curso de Equitação e que além de grande amigo e conselheiro, me corrigiu muitas deficiências, me deu consciência de muitas verdades hípicas e muito me tem ajudado em cavalos difíceis.

Sabíamos que Henrique Calado já alcançara mais de 300 classificações em provas hípicas, conseguidas em 45 cavalos, das quais 80 são primeiros prémios, 44 são segundos e 31 são terceiros. Julgamos curioso recolher a sua opinião sobre os seus cavalos, inquirir quais os que considerava melhor. A resposta surgiu rapidamente:

— Para lhe fazer algumas referências a cavalos que tenho montado terei que começar pelo «Único», um bom servidor de poucas poses mas que muita prática me deu, assim como a minha primeira vitória de algum valor na «Regularidade» em Cascais em 1942 que foi resolvida a meu favor em «barrage» com o «Raso». «No entanto é em 1943 com



O tenente HENRIQUE CALADO com os seus três cavalos; «Refused», «Zuari» e «Vouge»

«Paio!» que começo a saber o que é ter um cavalo com boa classe. Levou-me à equipa nacional e deu-me algumas vitórias — «Taça de Honra» de Lisboa em 1944, etc. Depois com o «Desejado» consigo vencer no mesmo ano o «Grande Prémio» de Madrid.

E Henrique Calado, que quando fala deixa transparecer claramente o seu entusiasmo pelo desporto em que é um verdadeiro «az», continua:

— Foi também em 1944 que comigo debutaram o «Zuari» e o «Vouge», — minhas actuais montadas, — que tinham ao tempo seis e cinco anos e que são sem dúvida os melhores cavalos em que tenho concursado e aqueles em que deposito maiores esperanças para o futuro. O «Vouge» fez-me este ano em Burgos o melhor Concurso que se pode desejar — dois primeiros prémios e dois segundos, vencendo o «Grande Prémio» e a «Taça de Honra». Isto, o estrangeiro não é mau.

E o nosso entrevistado continua:

— Qualquer deles tem já no seu activo belas vitórias e tanto o grande poder e classe de «Zuari» como a grande habilidade e elasticidade do «Vouge», aliados aos seus vigorosos 9 e 8 anos de idade, fazem-me esperar ainda mais deles nos próximos anos.

Uma referência ainda para o «Xerez» que há muitos anos conheço e que montei no último «Grande Prémio» de Madrid, a prova mais forte em que tenho entrado, conseguindo um dos dois únicos percursos limpos

desse dia. E' para mim um cavalo de extraordinária classe e que sempre brilha nas provas muito fortes.

— E que nos diz do seu «Refused»?

— Estou muito satisfeito com ele. Nunca esquecerei aquela memorável tarde da «Taça de Honra» das Caldas da Rainha. Ainda que já suspeitasse que o «Refused» saltasse bem em altura, nunca pensei que poderia vir a passar com muita folga 2<sup>m</sup>, 10. Dado o facto de que foi a primeira vez que com ele tentei o salto em altura, e sem qualquer preparação especial, penso que talvez possa ir mais além e o meu desejo agora é conseguir bater o recorde de 2<sup>m</sup>, 15 tão brilhantemente conquistado pelo tenente Joviano Ramos.

Eis o que nos disse o tenente Henrique Calado, um dos cavaleiros mais brilhantes que Portugal tem tido, este ano primeiro entre os primeiros. Nas suas afirmações está patente o seu entusiasmo pelo hipismo e o seu temperamento de verdadeiro desportista.

Antas Teixeira

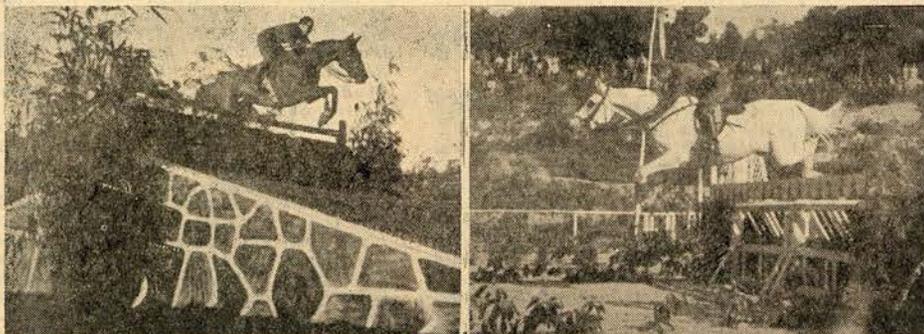
## Clube Operário de Futebol

Do Clube Operário de Futebol recebemos o seguinte ofício:

Sr. Director da «Stadium». — Foi com muito prazer que recebi da Direcção do meu Clube a incumbência de agradecer a V. os ensinamentos e apoio moral dados através dos artigos da Revista que mui dignamente dirige, quando do torneio da Taça de Honra da A. F. L. da 2.<sup>a</sup> Divisão.

O brilhantismo na conquista dos três títulos, e bem assim das três taças, devemos-lo em parte à sua grande Revista, pelo que lhe ficamos eternamente agradecidos, pois a Imprensa desportiva que com a sua inteligência e o seu labor encaminha os clubes sempre para o melhor caminho nem sempre bem compreendido.

Registamos com o maior agrado o calvinante ofício do Clube Operário de Futebol, colectividade pujante de vida, e a quem desejamos um porvir triunfante.



HENRIQUE CALADO no «Zuari» no dia em que venceu o Grande Prémio das Caldas e no «Vouge», saltando a barreira em Cascais

# A festa de GERMANO de MAGALHÃES a sua devoção à PATINAGEM durante 42 anos!



Germano de Magalhães, perfilado, escuta o louvor da Direcção Geral

**P**OUCAS vezes um atleta terá tido tão merecida consagração — como aquela que, no Pavilhão dos Desportos, foi prestada a Germano de Magalhães. O decano dos patinadores portugueses pôde apreciar, devidamente, pelo carinho com que o público o distinguiu e de que os seus companheiros e émulo de pugnas desportivas o rodearam, quanto é estimado.

Apesar do tempo agreste, o público não se olvidou do «velho» Germano — e quase que encheu literalmente o magnífico recinto do Parque Eduardo VII. Não deu, e ainda bem, por mal empregadas as horas ali perdidas. Se não tivesse chovido talvez que o Pavilhão fosse pequeno...

A linda festa, repita-se, constituiu um excelente espectáculo de propaganda desportiva — que fez vibrar a assistência e por vezes a empoçou. Por que se não fazem mais «coisas» no género?! A Federação de Patinagem — se quiser empregá-lo convenientemente na expansão



A representação dos clubes, com os respectivos estandartes, que tomaram parte no festival



O último team em que Germano alinha...

A emoção de Germano



Germano de Magalhães — que abandonou a actividade depois de 42 anos ininterruptos de dedicação aos desportos em patins — teve merecida consagração pública.

No momento solene, viu-se rodeado de representações de todos os clubes praticantes, cujas direcções o felicitaram.

Pena foi que o Óquei C. P., colectividade que o homenageado ajudou a fundar, se tivesse alheado por completo... Nota triste em noite de alegria! Mas o Lisboa Ginásio (que Germano também fundou) deu o altíssimo exemplo da sua comparência e brilhante colaboração. Assim como o Ginásio Clube e o Carnide.

Também o director geral dos desportos, coronel Sacramento Monteiro, e dr. Ayala Boto, inspector da modalidade, se associaram à homenagem a Magalhães. O locutor Lança Moreira leu ao microfone o louvor da D. G. D., um documento importante que consagra oficialmente o atleta, e Frederico de Brito disse uma linda poesia sua, alusiva à despedida.

O homenageado presenteou as entidades oficiais e todos os clubes praticantes com fotografias autografadas — e aos clubes participantes nr festa ofereceu plaquetas comemorativas. Recebeu, em troca, várias lembranças: as mais importantes foram a medalha de ouro de mérito da F. P. Patinagem, o emblema de ouro da A. P. Sul, o emblema de ouro e brilhantes do Benfica — a quem ofereceu um quadro com as suas medalhas. Foi esse o momento culminante; e ao entregar a Costa e Sousa, vice-presidente do Benfica a sua valiosa dádiva, o atleta teve o único minuto de fraqueza que se lhe conheceu. Não soube esconder as lágrimas... Lágrimas de alegria e de saudade — exteriorização de um sentimento de profunda amizade pelo clube que representou durante quase um quarto de século! E então a assistência, de pé, verdadeiramente emocionada, premiou o gesto de Magalhães, com uma ovação que só teve igual, quando a equipa de Portugal, no mesmo recinto, conquistou o campeonato do Mundo de óquei em patins.

Depois da debandada — e da habitual «volta de honra» por entre clamorosos aplausos — foi a despedida; Germano saiu — para voltar logo a seguir com o seu substituto, o jovem Sousa Dias, na equipa de óquei em patins do Benfica.

Além das exhibições de patinagem pelas gentis meninas Edite Cruz (que trabalhou duas vezes, apresentando, da segunda, patins de duas rodas, uma criação patenteada de seu pai), Maria Antónia de Vasconcelos e Maria Sampaio, por Mário Sampaio; além das demonstrações de alta ginástica pelas classes olímpicas do Ginásio Clube e do Lisboa Ginásio — o espectáculo, que decorreu sempre com alegria e interesse, num ritmo certo, comportou ainda um desafio de basquetebol, em que o Benfica venceu o Carnide por 25-0, e tres partidas de óquei em patins: Futebol Benfica-Óquei e Sintra, 8-0, Paço de Arcos-Misto, 7-3; Benfica-S. L. Saudade (Silvério Gouveia, José Prazeres, Hipólito Silva, Rui de Montargil, Leonel Costa e José Carlos), 2-2. Germano de Magalhães alinhou na primeira parte pelo S. L. B. e despediu-se ao intervalo.

Foi em suma, por tudo e em tudo, uma festa lindíssima — a provar inofismavelmente que o desporto é... uma força! Manifestação realíssima da popularidade de Germano de Magalhães.

Noite de alegria e de emoções.

E o homenageado, visivelmente comovido, não pôde esconder o seu contentamento — na certeza de um serviço cumprido, merecido e convenientemente consagrado pelo público.

Evidentemente, ficará sempre no espírito de Germano de Magalhães, um desportista de alto a baixo, a saudade da competição. Mas a saudade será mitigada com a recordação de uma linda e inolvidável festa.

Jorge Monteiro



Aspecto do banquete de confraternização comemorativo do 1.º aniversário da Sociedade de Aços e Metais L.A., na rua da Boa Vista 48, de que é sócio o nosso amigo e companheiro de trabalho Manuel Nunes de Almeida.

Presidiram os vrs. João Lopes, Francisco Lopes, Costa Rodrigues e Carlos Figueiredo, assistindo alem dos empregados da Firma os jornalistas Cândido de Oliveira, Mário Rocha, Alexandre Trabucho e Tavares da Silva.

O banquete constituiu uma forte afirmação da amizade que liga os proprietários e os empregados, todos unidos no mesmo objectivo. Falaram os sr. Nunes de Almeida, Alves de Sousa e Tavares da Silva, pela Imprensa.

A Sociedade de Aços e Metais está em plena era de desenvolvimento!

# na capital do NORTE

MOSAICOS  
nortenhos...

NADA DE EXAGEROS...

O guarda-redes Barrigana, nas colunas de um conceituado jornal desportivo de Lisboa, foi nomeado em título grande, como invicto guarda-redes até à segunda jornada do campeonato nacional. Porém, — há exagero. Nem só Barrigana, até então, se mostrava imbatível. Lá para o extremo-sul, embora tendo efectuado apenas um desafio, também Abraão tinha direito ao elogio.

E' que os exageros também fazem mal à gente... E viu-se!

PERSEGUIÇÃO ABSOLUTA

No último jogo efectuado entre o Porto e o Boavista, no Bessa, Araújo foi selvaticamente perseguido. O interior direito internacional viu-se em transe difíceis para fugir a uma vigilância agressiva, saltando constantemente e... deixando a bola para os outros...

Teve, por isso, à saída do campo, este comentário:

— Antes quero levar «pancada» nos jornais. Magôa menos...

RECEITA PERDIDA

O campo do Bessa não tinha arcação para albergar público tão numeroso. Os comunicados do Boavista, no sábado, deixaram-nos ver que alguma coisa de anormal iria passar-se no domingo, e assim foi.

Na verdade, consentir o jogo no antigo terreno, agora em obras, não se compreende. Além do mais — parece-nos anti-regulamentar. Isto para não dizermos que os clubes participantes devem ter perdido bons milhares de escudos...

O LIMA ÀS ESCURAS...

Entretanto, o campo do Lima, renegado pelo Porto e pelo Boavista, assistiu ao jogo Académico-Vila Real. Claro: — o público foi para o Bessa ver a bola no ar...

Ainda por cima, o Académico deixou-se derrotar pelos transmontanos no próprio Lima, perante umas dúzias de espectadores tristonhos. Porque não se resolvem, à boa paz, uns tantos problemas de interesse e de importância para a expansão do desporto português?

— Porque ninguém cede...

O MELHOR «SEGUNDO»

Os nossos jornais apontam-nos o Boavista como sendo o melhor «segundo», de sempre. Pois oxalá seja assim!

Mas pedimos licença para dizer que o melhor «segundo» não o pode demonstrar apenas contra o melhor «primeiro»! Estamos desde há muito habituados a ver jogos difíceis entre o «primeiro» e o «segundo», consequência natural e lógica de uma rivalidade própria do meio. Mas isso não chega... Sucedeu assim no Algarve.

E' preciso ir mais além!

## POIS CLARO...

Um artigo de Cândido de Oliveira, há dias publicado, presta uma justa homenagem a «Pinga». Ao lêr o competente jornalista, recordamo-nos de Araújo, tão mal apreciado por alguns, e não pudemos deixar de ligar a opinião do público dessa época com aquela que ainda hoje se manifesta, por vezes, — quando qualquer «provinciano» lara as combinações lisboetas...

Claro que entre «Pinga» e Araújo há uma distância. Como entre «Pinga» e qualquer outro! Mas o famoso Artur já sofreu tanto como Araújo este ano. Foi preciso «convencer» am dia aqueles que por certo «só viam» jogar outro concorrente. Os rapazes da «Provincia» não contavam — e Artur, o grande «Pinga», era de um clube «provinciano»...

Mas não resistimos à tentação de transcrever parte do que diz Cândido de Oliveira:

«Algumas vezes o onze nacional teve por treinador uma dessas equipas. E recordemos, agora, um jogo treino no antigo campo do Sporting, hoje do Benfica, da provável selecção contra o «Hungária», nam momento em que o seleccionador era fastigado pela crítica oral e escrita, por teimar em manter o Pinga no posto de interior esquerdo, porque, por via de regra, o famoso jogador se apagava um pouco quando se exhibia na capital.

Nessa tarde, porém, Artur de Sousa, montou a cadeira — e disse como se jogava! Deixou-se imediatamente contagiado pelo virtuosismo dos húngaros — e excedeu-os em execução tão perfeita como brilhante. O público lisboeta, que enchia o campo, ovacionou-o como nunca pudera fazer... Não nos recorda também uma exibição tão feliz, tão graciosa e tão brilhante desse famoso jogador como naquela tarde. Empolgou tudo e todos. E tanto que daí por diante, nunca mais deixou de compreender-se a indispensabilidade de Artur de Sousa, como interior, mesmo já depois de ter perdido algumas qualidades físicas — mas afinado os da inteligência do jogo... Peyroteo e todos os outros avançados que marcaram golos... de bandeja, enquanto ele jogou, devem-no, por certo, lembrar muita vez...»

Comentando:

O caso de ontem, pode ser o de hoje ou de amanhã. Artur de Sousa, em vários jogos «internacionais», foi sacrificado para que outros brilhassem. A imprensa, muitas vezes, esqueceu-se da actuação de «Pinga», de duas ou três coisas que fazia, durante o jogo, para que outros tivessem nota alta... Mas um dia, «resolva dar uma lição» ao público. Possivelmente, esqueça-se dos colegas, dos tais passes «de bandeja» — mas as palmas apareceram-lhe em turbilhão, e os outros «alandaram-se!»

A Verdade aparecerá. Talvez o próximo jogo «internacional» a provoque, e oxalá assim suceda...

Nós desejamos sinceramente que o futebol nacional progrida, e não somos contra Lisboa. Mas também não consentiremos, lá isso não, que se deixe pelas ruas da amargura o valor de outros sectores que se não deseja reconhecer. Que uns tantos, com petulância ou simples vaidade, nos queiram confundir à sua vontade, apreciando de cadeira e a 300 e tal quilómetros de distância...

## CURIOSIDADES...

Está criando uma atmosfera de antipatia a actuação de certo jogador português, principalmente quando é adversário do grupo continental...

♦♦ O árbitro do jogo Boavista-Porto viu-se e desejou-se para levar a cruz ao cálvrio. Mas também teve culpas. Passaram-se coisas indesejáveis.

♦♦ Estiveram no Porto, há 8 dias, alguns dirigentes. Puderam apreciar vários olhares antipáticos. Restos do Portugal-França.

♦♦ Mais uma vez o F. C. do Porto foi dominado por um grupo da terra. E mais uma vez ganhou...

♦♦ Vamos ter o Palácio dos Desportos? E a piscina? Todo o «mundo português» embandeira em arco. Oxalá seja nos nossos dias...

## O futebol a auxilia os infelizes

O Norte, e especialmente a sua capital, foi recentemente fustigado pela notícia de uma catástrofe horrível. Afundaram-se quatro traineiras e haviam desaparecido mais de centena e meia de pescadores, honestos homens de trabalho, gente que o Porto, zona marítima, conhece e estima.

Contra o desastre, nada havia a fazer. Mas logo se levantaram gritos de auxílio, tanto por parte da iniciativa oficial como particular, e tivemos o gosto de ver, à frente dos últimos, um clube desportivo: — o Futebol Clube do Porto.

A direcção dos campeonatos da cidade, reunindo-se extraordinariamente após a catástrofe, resolveu colocar-se à disposição do Senhor Ministro do Interior e Governador Civil do Porto, embora só nos últimos dias da semana pudesse avistar-se com o chefe do distrito, ausente em Lisboa precisamente por motivos ligados ao desastre que enlutou centenas de famílias.

Nessa reunião ficou assente que se pedisse às entidades superiores do desporto o dia de Natal para a organização de um grande jogo de futebol, no Porto, possivelmente entre as equipas representativas do Norte e do Sul ou do F. C. do Porto e outra grande equipa.

Mas o que no actual momento deve apontar-se, por ser justo, é a contribuição do desporto e nomeadamente do futebol. O F. C. do Porto, grande agremiação desportiva da sua terra, compreendendo as suas responsabilidades, deu imediato alarme e o facto não pode ficar desconhecido. Louvemo-lo por isso. E afirma-se mais uma vez que o futebol tem ajudado e continuará a ajudar os desprotegidos, estejam onde estiverem.

No dia de Natal, se a Federação ceder ao pedido que lhe vai ser feito, e disso não duvidamos, veremos no Porto um espectáculo mais de beneficência. O F. C. do Porto provocou-o, correndo em auxílio de gente da sua região.

# FUTEBOL

Em Inglaterra

Desde sábado deixou o famoso Arsenal de ser o único clube invicto nas Divisões do Campeonato da Liga Inglesa, mas nem por isso a sorte o abandonou. A sua derrota infligida pelo Derby County (1-0), foi simultânea com as dos seus principais seguidores, o Preston N. End e os Wolves, mantendo-se assim o desnível pontual que os arsenalistas lhes levavam.

O jogo Arsenal-Derby caracterizou-se pela brilhante exibição de futebol construtivo praticado pelo grupo vitorioso. Foi tão belo que, desde o pontapé inicial até ao meio-tempo, nove dos jogadores de Highbury estiveram afdigados e à defesa, no seu próprio meio-campo. O trio central, Macaulay, Compton e Mercer, labutaram como heróis. A eles e à inspirada e feliz acção do guarda-redes, Swindin, deveu o Arsenal não ter encaixado meia dúzia de tentos dentro das balizas.

O Derby avançou para o terceiro lugar na classificação, com 10 vitórias consecutivas. O famoso interior Carter inspirou a linha deanteira associado com Steel, cujo trabalho agradou sem reservas.

Outro clube cujas aspirações se justificam plenamente é o Burnley. Desta vez cortou as asas ao Aston Villa, arrancando um empate (2-2) no próprio terreno deste último, e firmou-se em segunda posição, cinco pontos atrás do leader.

Parece-nos que o futuro vencedor da 1.ª Divisão da Liga sairá de entre estes três clubes: Arsenal, Derby ou Burnley.

O Blackpool bateu o Charlton (3-1) e mantém o quarto posto, com 10 vitórias, enquanto que o Middlesbrough registou um triunfo notável e expressivo ganhando ao Blackburn por 7 bolas a 1. A sua linha deanteira detem o recorde dos tentos marcados (42), no que só os Wolves conseguem imita-lo (41).

O jogador Morris, do Manchester United, quebrou o encanto da invencibilidade do Chelsea ganhando-lhe em casa pela primeira vez, e marcando 3 dos 4 tentos introduzidos. Os outros jogadores que se distinguiram foram o escocês Turnbull, adquirido pelo Sunderland por 10.000 libras e Mc Cormack, do Middles.

O primeiro fez os quatro golos do seu clube contra Portsmouth (4-1) e o último conseguiu três dos sete que Middles aplicou ao Blackburn.

Na cauda, definitivamente desamparado, vai o Grimsby Toron e, um pouco acima dele, Bolton, Stoke e Blackburn.

Quanto à 2.ª Divisão tudo se conjuga para ajudar o Tottenham Hotspurs a alcançar o primeiro posto. Agora foi a derrota simultânea dos 3 primeiros classificados, West Bronwiev Albion, Birmingham e Newcastle, ao passo que os Spurs venceram Coventry City por 2-1 e subiram ao terceiro lugar.

Entre eles e o leader mediram apenas dois pontos, o que permite acalentar muitas esperanças.

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## NOTA DA SEMANA

O grande acontecimento desportivo da última semana passou-se nos Estados- Unidos, mais propriamente na cidade dos «arranha-céus» chamada Nova-York. Pelas onze horas da noite de sexta-feira, achavam-se reunidas cerca de 25.000 pessoas no pasto salão que existe na Oitava Avenida, entre as Ruas 49.ª e 50.ª, aguardando que entrassem no ringue dois hercules de epiderme castanha. Sobre o crâneo do primeiro, chamado José Louis Barrow, repousa a coroa invisível da supremacia do burro e nos pontos do segundo, Joe Walcott concentrava-se toda a ambição bem humana de lhe capturar o troféu. Para tal espectáculo concorriam os olhares daquelas duas dúzias de indivíduos, anevendo, eiebrizados, as pancadas surdas dos golpes, o arjar ruidoso da respiração a estalar dentro dos peitos, as esquimoses, os esgares e o quadro final do triunfo: o vencido, por terra, à mercê da piedade do outro ou da sua crueldade, enquanto o árbitro vigia o respeito pelas regras do jogo e sentença.

Em tudo isto há o quer que seja de bárbaro e grandioso, simultaneamente. Talvez sejam restos de um paganismo remanescente, trazido através dos séculos, vindo das profundezas da antiguidade clássica, a Grécia de Homero e de Pindaro.

Agora isto, porém, há o lado humano, em contraste com o deshumano. Dois atletas, tendo disciplinado os seus corpos e extraído deles tudo o que é estranho ou inimigo da força, da agilidade e da resistência, apressiam-se a esgrimir com a maior lealdade, sob o patrocínio de um regulamento inflexível e servindo-se das armas mais naturais que são os dois punhos.

Nada os fará esquecer o respeito que devem à sua conduta de atletas leais, por muito grande que o seu sofrimento se revele. A sua dignidade repudia-lhes qualquer manobra impura mas vantajosa, se for contrária à ética do jogo.

Venceu Louis, por pontos, mas o resultado importa menos, neste caso, do que a linha de conduta seguida e respeitada por ambos. Dentro da sua profissão, Louis alcançou o mais elevado ponto, tornando-se respeitável e admirável. Julgamos que aí se radica o tronco da sua efemera, embora justa glória.

R. B.

## As «Ligas» em Espanha

### Sevilha e Valência destacados

Disputou-se a 10.ª volta da Primeira Liga, de Espanha, verificando-se estes resultados:

Oviedo...	4	—	Alcoyano...	3
A. Bilbao...	7	—	Tarragona...	0
Valencia...	4	—	R. Madrid...	2
Espanhol...	2	—	Barcelona...	1
A. Madrid...	3	—	Celta...	1
Sabadell...	5	—	Gijon...	0
Sevilha...	5	—	R. Sociedad	0

O resultado estranho produziu-se em Barcelona, no embate entre as duas forças locais. O Barcelona caiu por terra, posto que à tangente.

O team de Bilbao segue na fase da recuperação. Dos viscaínos diz-se que só é grupo de certa altura em diante, e é bem certo. O A. de Madrid continua a mostrar capacidade.

Dos três clubes que ocupavam a cabeça, o Barcelona ficou para

trás. Estão agora à frente Sevilha e Valencia com 16 pontos, seguindo-se Barcelona com 14, A. de Madrid e Celta com 13, e A. de Bilbao com 12 pontos.

Real Sociedad, Alcoyano e Gijon fecham a Tabela, com 7 pontos.

Na 2.ª Liga apuraram-se os seguintes resultados:

Castellon...	0	—	Corunha...	1
Murcia...	0	—	Valladolid...	1
Malaga...	4	—	Sevilha...	2
Hercules...	6	—	Baracaldo...	2
Ferrol...	3	—	Cordova...	0

Os desafios Mestalla-Maiorca e Badalona-Granada disputaram-se na 2.ª feira, mas o seu resultado não influiu nas primeiras classificações. Seguem à cabeça com 15 pontos 3 grupos: Real Valladolid, Corunha e Malaga.

## RUGBY

### Holanda, 5 — Bélgica, 3

Este desafio, travado num terreno elameado, não teve merecimento, dada a pouca classe dos grupos em presença. A vitória dos holandeses pode atribuir-se em grande parte à arbitragem, cujos erros de visão e de critério prejudicaram os belgas.

### Oxford, 0 — Cambridge, 6

O sensacional desafio entre os universitários «azuis», jogado em Twickenham e presenciado por uma multidão de cincuenta mil pessoas, terminou com uma vitória imprevisível mas justa de Cambridge. As honras do match pertencem ao back Lloyd Davies, que não fez uma só falta durante todo o desafio e ainda marcou os dois golos de penalidade que deram o triunfo ao seu grupo.

O jogo foi muito árduo mas pouco espectacular, embora com momentos verdadeiramente emotivos, algumas vezes.

## BOXE

### Joe Louis conserva o título

Na madrugada de sábado (hora portuguesa) realizou-se em Nova York o anunciado combate entre Joe Louis e «Jersey Joe» Walcott, pretendente ao título mundial de todas as categorias.

Depois de quinze assaltos de movimentada batalha, o preto de Detroit derrotou o seu irmão de cor, por pontos, e conserva o campeonato que detem em seu poder desde 1937, quando ganhou a Jimmy Braddock.

### Vuillemain continua Campeão da Europa

No Palais des Sports, de Paris, efectuou-se o anunciado desafio entre Robert Vuillemain, campeão europeu dos «semi-médios» e o italiano Egisto Peyre, para disputa do título continental.

O combate foi equilibrado até ao 8.º assalto e, nesta ocasião, Peyre sacudiu fortemente o adversário, parecendo crear-lhe dificuldade. Vuillemain, todavia, reagiu bem e contra-atacou violentamente, acabando por abater o italiano duas vezes consecutivas.

Mal referido, no assalto seguinte Peyre foi ao tapete e o árbitro interveio para o declarar derrotado por «fóra-de-combate» técnico.

# A FORÇA DO PORTO REVELA-SE EM GOLOS!



*Szabo defende. À sua volta há cinco homens do seu team, e apenas um atacante... mas chega para afligir!*



*Mais uma defesa, apertada, de Szabo!*

## FUTEBOL DE JÚNIORES



*Um aspecto do jogo entre o Belenenses e o Estoril Praia, ganho por aquele por 4-1. [Repare-se na forma hábil e correcta da condução da bola por parte do pequeno belenense...]*

Fotos HERMANN



*Na grande área do Porto, o momento do remate de Cabrita...*

## BELENENSES O MELHOR EM COIMBRA

Fotos MARQUES DE CARVALHO



*Diogo, defesa da Académica, salva com oportunidade o seu grupo*



*Feliciano salta, e fica vitorioso...*



*Vasco allvia de cabeça. Ao lado, vê-se Feliciano e Amaro*

## ARCÁDIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Formidável êxito da ESTREIA da  
parelha de baile luso-espanhola

Em pleno triunfo: **CARMEN VICENTE & RAFALEX**

**DESMERS ET LISA** **JORGE CARDOSO**

**CARMELITA DEL RIO** com **CHOVA** y sus **MUCHACHOS**

**MARUJA HERRERO**

com a vocalista **Mary Vallé**

**ORQUESTRA ARDÁDIA** com a vocalista **Mary Vallé**

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de Variedades às 24 e 15